



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS HERÓIS DO JENIPAPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MARIA KAROLINE CAMPELO BEZERRA**

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESCRITA:  
A TRAJETÓRIA DO HISTORIADOR MONSENHOR CHAVES**

**CAMPO MAIOR**

**2025**

MARIA KAROLINE CAMPELO BEZERRA

HISTÓRIA, MEMÓRIA, ESCRITA: A TRAJETÓRIA DO HISTORIADOR  
MONSENHOR CHAVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Coordenação do Curso de Licenciatura em  
História, da Universidade Estadual do Piauí,  
para a obtenção do título de Licenciado em  
História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Mara Lúgia Fernandes Costa

CAMPO MAIOR  
2025

B574h Bezerra, Maria Karoline Campelo.

História, memória e escrita: a trajetória do historiador  
Monsenhor Chaves / Maria Karoline Campelo Bezerra. - 2025.  
68f.: il.

Monografia ( Graduação ) - Universidade Estadual do Piauí -  
UESPI, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior- PI, Licenciatura em  
História, 2025.

"Orientadora: Prof. Dra. Mara Lúcia Fernandes Costa".

1. Historiografia Piauiense. 2. Joaquim Raimundo Ferreira  
Chaves. 3. Intelectuais. 4. Memória. I. Costa, Mara Lúcia  
Fernandes . II. Título.

CDD PI920.71

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI  
JOSÉ EDIMAR LOPES DE SOUSA JÚNIOR (Bibliotecário) CRB-3º/1512

**MARIA KAROLINE CAMPELO BEZERRA**

**HISTÓRIA, MEMÓRIA, ESCRITA: A TRAJETÓRIA DO HISTORIADOR  
MONSENHOR CHAVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
História, da Universidade Estadual do Piauí,  
para a obtenção do título de Licenciado em  
História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Mara Lígia Fernandes  
Costa

Aprovada em: 26/06/2025

Nota: 9,5

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mara Lígia Fernandes Costa  
Universidade Estadual do Piauí  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Edmundo Ximenes Rodrigues Neto  
Universidade Estadual do Piauí  
(Examinador)

---

Prof. Me. Fábio Nadson Bezerra Mascarenhas  
Universidade Estadual do Piauí  
(Examinador)

*Dedico este trabalho a mim mesma, minha coragem e resistência foram essenciais em momentos desafiadores que enfrentei ao longo da minha trajetória acadêmica.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado forças e sabedoria para a realização deste sonho. Ao longo da produção desta pesquisa, senti Sua presença em momentos de angústia e solidão.

Agradeço à minha mãe, Raquel Campelo, por nunca ter deixado faltar um lápis e um caderno para mim, e por ter me ensinado que a maior herança que poderia me deixar são os estudos.

À minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Mara Ligia Fernandes Costa, uma das minhas maiores inspirações como ser humano e profissional, por ter me conduzido nesta pesquisa com clareza, por sua leitura atenta e suas contribuições para a realização do meu trabalho. Sua dedicação e compromisso com o curso de História despertaram em mim o gosto pela pesquisa.

À minha tia Helene Campelo, por abrir as portas da sua casa e me abrigar durante esses quatro anos de curso.

À minha prima Ana Raquel, por ter me aconselhado a não desistir do curso em momentos em que me encontrava extremamente cansada diante da pesquisa desta monografia.

Aos meus colegas, especialmente às minhas amigas Karlyane Lima, Natália Sousa, Lúcia Regina, Sara Vitória, Idalice Abreu, Geovana Costa e Jadilene Morães, por terem vivenciado e compartilhado suas experiências e conhecimentos comigo ao longo da graduação.

Agradeço aos professores Fábio Nadson e Edmundo Ximenes por terem aceitado participar da minha banca de monografia e por suas contribuições relevantes ao meu trabalho, para que eu possa melhorar cada vez mais em minhas pesquisas.

Aos professores da Universidade Estadual do Piauí, em especial aos professores do curso de História: Iraneide Soares, Francisco Atanásio, Daniele Fontenele, Vanessa Negreiros, Felipe Cunha, Ernani Brandão; e aos professores da grade de Pedagogia: Ana Gabriela, Rebeca Hennemann, Francisco Filho e Airan Celina.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a vida e a produção historiográfica de Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, sacerdote, historiador e intelectual piauiense que exerceu significativa influência na construção da historiografia local no século XX. Padre Chaves dedicou sua vida ao sacerdócio e, paralelamente, desenvolveu intensa atividade intelectual, atuando em instituições culturais como a Academia Piauiense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico Piauiense, entre outras. Suas obras buscaram dar voz a sujeitos historicamente marginalizados, como indígenas, negros, pobres e mulheres, contribuindo para a ampliação das narrativas sobre a história do Piauí. Este estudo discute sua trajetória enquanto sacerdote e historiador, problematizando como sua atuação religiosa dialoga com sua produção historiográfica. A pesquisa ancora-se na metodologia da pesquisa bibliográfica e hemerográfica, fundamentando-se em autores como Teresinha Queiroz, Iara Guerra, Kamila Silva (2024), Pierre Nora (1984) e José D'Assunção Barros (2011), Michel de Certeau (1982), além da análise da própria obra de Joaquim Chaves. A partir desse percurso, reflete-se sobre o papel das instituições culturais e da memória coletiva na formação da historiografia piauiense, bem como sobre a importância dos intelectuais locais na construção das narrativas históricas regionais.

**Palavras-chave:** Historiografia piauiense. Joaquim Raimundo Ferreira Chaves. Intelectuais. Memória.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the life and historiographical production of Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, a priest, historian, and intellectual from Piauí who played a significant role in the construction of local historiography in the 20th century. Father Chaves devoted his life to the priesthood while simultaneously engaging in intense intellectual activity through institutions such as the Piauí Academy of Letters and the Historical and Geographical Institute of Piauí. His historical works sought to give visibility to historically marginalized groups, including indigenous people, black communities, women, and the poor, thus expanding the narratives about Piauí's history. This research discusses his dual role as a priest and historian, questioning how his religious vocation intersected with his historiographical production. The methodological approach is based on bibliographic and hemerographic research, drawing on authors such as Teresinha Queiroz, Iara Guerra, Kamila Silva, Pierre Nora, and José D'Assunção Barros, in addition to analyzing Chaves's own works. The study reflects on the role of cultural institutions and collective memory in shaping Piauí's historiography and highlights the relevance of local intellectuals in constructing regional historical narratives.

**Keywords:** Piauí historiography. Joaquim Raimundo Ferreira Chaves. Intellectuals. Memory.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 DE MENINO A MONSENHOR: A TRAJETÓRIA DE JOAQUIM RAIMUNDO FERREIRA CHAVES NA IGREJA CATÓLICA.....</b>	<b>17</b>
2.1 Monsenhor Chaves e a Igreja Nossa Senhora do Amparo.....	17
2.2 Joaquim Chaves e a sua jornada na vida religiosa.....	22
<b>3 O CENÁRIO HISTORIOGRÁFICO PIAUIENSE NO SÉCULO XIX E XX.....</b>	<b>33</b>
3.1 Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Abdias Neves.....	37
<b>4. JOAQUIM CHAVES: HISTORIADOR DO POVO.....</b>	<b>49</b>
4.1 Joaquim Chaves e o ofício de historiador.....	49
4.2 A contribuição de Joaquim Chaves para escrita histórica piauiense .....	52
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo principal analisar a vida e a produção historiográfica de Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, sacerdote que dedicou boa parte de sua vida ao serviço dos fiéis na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Teresina, capital do Piauí. Professor licenciado em Filosofia, Padre Chaves atuou em escolas católicas e foi considerado um intelectual por suas vastas pesquisas historiográficas, tendo participado de diversas instituições culturais em Teresina, entre as quais podemos destacar a Academia Piauiense de Letras<sup>1</sup>, Centro de Estudos Piauienses<sup>2</sup>, Movimento de Renovação Cultural Monsenhor Chaves<sup>3</sup> e do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense<sup>4</sup>. Enquanto historiador, ao longo do século XX, produziu diversos estudos históricos sobre o Piauí. Dentre eles, podemos citar: Teresina: Subsídios para a História do Piauí (1952), O índio no solo piauiense (1953), Como nasceu Teresina (1971), Campo Maior nas lutas pela independência (1971), O Piauí na Guerra do Paraguai (1972), O Piauí nas lutas de independência do Brasil (1975), Monumento do Jenipapo (1983), Apontamentos biográficos e outros (1987) e A escravidão no Piauí (1998).

A proposta desta pesquisa também é investigar a importância de Joaquim Chaves dentro do campo historiográfico piauiense e suas produções historiográficas. Ademais, pretende-se, com esta pesquisa, responder a alguns questionamentos sobre a problemática. O primeiro está pautado na vida religiosa do autor: como Joaquim Chaves decidiu contribuir para as pesquisas históricas do Piauí, tendo em vista que ele se dedicou à vida religiosa por tanto tempo?

A escolha da temática se deu durante a disciplina Historiografia Piauiense, ministrada pela professora Daniela Fontenele, que tinha como objetivo destacar uma introdução panorâmica da historiografia piauiense do século XX. Na referida disciplina, foi apresentado o livro da historiadora Iara Guerra, intitulado Historiografia Piauiense: Relações entre Escrita Histórica e Instituições Político-Culturais, que trata da atuação de historiadores dentro desse campo. Sendo assim, resolvi pautar minhas pesquisas nos trabalhos de historiadores campo-maiorenses que se dedicaram à escrita sobre a história do Piauí.

---

<sup>1</sup> Fundada em 30 de dezembro de 1917, a Academia Piauiense de Letras, ou Casa de Lucídio Freitas, é referência no cenário cultural piauiense por ser uma instituição antiga e ainda em atividade e por reunir em seus quadros representantes de várias áreas de atuação cultural.

<sup>2</sup> O Centro de Estudos Piauienses (CEP) foi fundado em Campo Maior (PI), no início da década de 1950 instituição político-cultural, criada a partir da iniciativa de Odilon Nunes, Monsenhor Chaves e Raimundo Nonato Monteiro de Santana.

<sup>3</sup> Fundada em 26 de fevereiro de 1986, a Fundação Cultural Monsenhor Chaves atua na administração pública municipal formulação de diretrizes da política cultural. Atualmente trabalha nos segmentos das artes cênicas, artes plásticas, literatura, música, folclore e cultura popular, patrimônio natural, artístico e histórico.

<sup>4</sup> Fundado em 23 de junho de 1918 O Instituto Histórico e Geográfico do Piauí é uma entidade de fins da cultura histórica e geográfica com sede e foro em Teresina, Capital do Piauí.

A partir de diversas leituras e da construção do projeto de pesquisa, resolvi delimitar meu tema para as produções historiográficas de Padre Chaves, haja vista que, nas leituras que realizava, chamava-me bastante atenção a trajetória do autor dentro do campo da pesquisa. À medida que fui me apropriando de seus textos, interessei-me profundamente por sua escrita sobre a história do Piauí.

Monsenhor Joaquim Chaves se consolidou como um dos mais importantes intelectuais e historiadores do século XX, pois, em suas inúmeras pesquisas, são abordados sujeitos como homens, mulheres, indígenas, pobres e negros, que, durante muito tempo, foram silenciados no cenário historiográfico. Por consequência, há uma necessidade de estudos sobre as produções de Joaquim Chaves e sobre sua vida dedicada à escrita histórica. Dessa forma, torna-se necessário o estudo acerca do historiador para a compreensão da história do Piauí.

A historiadora Teresinha Queiroz<sup>5</sup> desenvolveu pesquisas sobre os trabalhos de Monsenhor Chaves durante o final do século XIX e XX. A autora destaca Monsenhor Chaves como um extraordinário pesquisador e historiador e como estudioso da história local.

De acordo com Queiroz, em *Obra Completa*, a produção de Monsenhor Chaves é tão importante para a historiografia piauiense quanto a de Odilon Nunes e a de Abdias Neves. O somatório das obras dos dois primeiros corresponde à maior contribuição à área entre as décadas de 1950 e 1970, constituindo a marca daquele período. No caso da obra chaviana, ela enfrentou maiores obstáculos para chegar aos leitores e às salas de aula, em virtude da natureza de suas primeiras edições — dificuldade que foi parcialmente solucionada quando a Fundação Cultural Monsenhor Chaves, a partir de 1993, patrocinou a reedição de todo o conjunto. Odilon Nunes, ao contrário, teve suas reedições da década de 1970 amplamente divulgadas.

Outrossim, é importante ressaltar a obra de Iara Guerra, que desenvolveu uma pesquisa sobre as relações entre a escrita histórica e as instituições político-culturais da cidade de Teresina. Dentro de sua investigação, a autora trata da importância dessas instituições como espaços de produção e difusão do conhecimento histórico sobre o Piauí, durante o período compreendido em sua análise entre 1950 e 1980<sup>6</sup>. Iara Guerra destaca, em seu livro, que as instituições de maior relevância para a produção historiográfica no século XX foram o Centro de Estudos Piauienses, a Academia Piauiense de Letras, a Fundação Cultural Monsenhor Chaves e o Movimento de Renovação Cultural.

---

<sup>5</sup> Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz é graduada em Licenciatura Plena em História Pela Universidade Federal do Piauí (1977), é Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (1984), Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), possui Bacharelado em Ciências Econômicas (1983) pela Universidade Federal do Piauí.

<sup>6</sup> MOURA, Iara Guerra de Miranda. *Historiografia Piauiense: Relações entre escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2015.

Outro trabalho que merece atenção é o estudo de Kamila Vytória Santos e Silva, intitulado *Um Simples Amador da História do Piauí: Entre os Passos e as Páginas de Joaquim Raimundo Ferreira Chaves* (2024). Kamila Silva analisou diversas questões sobre a vida de Joaquim Chaves, entre as quais podemos citar: sua vida religiosa, suas obras historiográficas e sua importância como sujeito no cenário historiográfico piauiense.

A presente monografia está dividida em três capítulos. O primeiro, intitulado *De Menino a Monsenhor: A Trajetória de Joaquim Ferreira Chaves na Igreja Católica*, tem como principal objetivo analisar sua vida religiosa e suas relações sociais como sacerdote. O segundo capítulo, intitulado *O Cenário Historiográfico Piauiense nos Séculos XIX e XX*, tem como finalidade abordar o campo historiográfico da escrita de Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e Abdias Neves. O terceiro capítulo, *Joaquim Chaves: Historiador do Povo*, tem como foco examinar a escrita histórica do autor e sua contribuição para a historiografia piauiense.

Segundo Michel de Certeau, em *A Escrita da História*, a construção da escrita histórica representa a passagem da prática ao texto. A escrita do historiador pode ser compreendida como uma prática social, pois ela direciona o leitor a um determinado lugar e aos acontecimentos passados, situando-os em relação aos fatos históricos presentes, conferindo ao leitor um lugar bem determinado. No entanto, essa escrita historiográfica também oferece ao leitor várias perspectivas sobre determinado acontecimento do passado, bem como sobre acontecimentos do presente.

A renovação da historiografia pela escola dos Annales, conhecida como “história nova”, veio com o objetivo de levantar novas discussões, como narrativas, biografias e questões políticas que antes eram silenciadas pela história tradicional.

Ademais, a história recente busca repensar novas estratégias e práticas de investigação sobre o método biográfico, tendo em vista que a biografia, como narrativa, busca compreender a vida de um determinado sujeito e seu contexto social e cultural. Para a historiadora Barbara Caine, a biografia exerce uma função importante na historiografia. Ela destaca que:

[...] a biografia tem vindo a ocupar um lugar cada vez mais central neste campo, bem como oferece meios para lançar nova luz sobre uma gama de diferentes períodos e problemas históricos, além de trazer pessoas e grupos que haviam sido anteriormente ignorados no quadro da análise histórica.<sup>7</sup>

Além disso, as biografias, quando analisadas de forma comparativa ou a partir das trajetórias dos sujeitos, corroboram para um entendimento mais amplo dos fatos e

---

<sup>7</sup> CAINE, Barbara. *Biography and history*. London: Palgrave Macmillan, 2010. p. 1.

acontecimentos, além de possibilitarem uma série de experiências diversas sobre determinados sujeitos e grupos históricos.

Monsenhor Chaves, por meio de suas pesquisas e de sua escrita, obteve destaque no universo das letras no século XX, em Teresina. Sua trajetória é atravessada pelo campo intelectual, temática que tem sido constantemente abordada pelos historiadores nas últimas décadas. É válido pontuar que a história intelectual e a história dos intelectuais vêm se destacando no cenário historiográfico contemporâneo com uma proposta ampla, localizando-se no cruzamento entre o político e o cultural.

Tal cruzamento torna-se fundamental para a compreensão das questões políticas e culturais que envolvem a atuação de sujeitos ou grupos em determinado contexto histórico. Os estudos sobre os intelectuais, ao longo dos anos, passaram por momentos de desvalorização e oscilações, sobretudo com a ascensão do grupo dos Annales — considerado radical e pequeno —, que propunha uma espécie de “guerra de guerrilha” contra a história tradicional. A primeira geração desse grupo teve como líderes Marc Bloch e Lucien Febvre, e a revista dos Annales visava, no campo intelectual da história social e política, propor novas discussões acerca da intelectualidade.

Durante os anos 1980, houve uma retomada dos estudos sobre a noção de intelectualidade, vinculada à chamada “Nova História Política”. Pesquisadores e historiadores passaram a desenvolver novas investigações e trabalhos inseridos nesse campo. Sirinelli, em artigo intitulado A História dos Intelectuais, ressalta o sentido da palavra “intelectual”, destacando seu caráter polissêmico — ora com uma visão ampla e sociocultural, ora com um entendimento mais estreito, baseado na noção de engajamento.

A partir dessas novas concepções e estudos sobre os intelectuais, são apresentadas ferramentas importantes para o entendimento de grupos sociais de uma determinada época, identificando a relação de certos sujeitos com as estruturas de sociabilidade.

Estudar a vida de Monsenhor Chaves e sua conjuntura enquanto sujeito histórico torna-se necessário para compreender esse autor como um pretexto para analisar o tempo e o espaço em que esteve inserido, bem como as relações que estabeleceu com diferentes grupos sociais. Tais relações e intercâmbios culturais, por sua vez, são interpelados pelo sujeito e podem transformar seu imaginário e modificar suas ações.

Para o historiador José D’Assunção Barros, a questão da memória, enquanto aberta a uma dialética entre lembrança e esquecimento, deixa de ser uma limitação para a historiografia e passa a ser um fator de enriquecimento de perspectivas. Essa virada na compreensão da memória apresenta vários desdobramentos para a História: desde a possibilidade de que a

própria historiografia possa repensar seus pressupostos fundamentais, até os usos da memória coletiva ou individual como fonte histórica.

Historiadores interessados em examinar a relação entre Memória e História buscaram traçar um conceito sobre memória coletiva, sendo Pierre Nora um dos primeiros e mais destacados nesse campo. Em suas pesquisas, ele buscou estudar o sentido dos “lugares de memória”, trazendo novas percepções sobre o uso da memória coletiva. Em um de seus estudos, intitulado *Entre Memória e História*, Nora afirma que as instituições político-culturais seriam lugares de memória, cuja função seria parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, imortalizar o passado e materializar o imaterial, buscando prender o máximo de sentido no mínimo de sinais.

A memória, como esquecimento, segundo os estudos de Pierre Nora, vai muito além dos patrimônios materiais — como museus, arquivos e monumentos. O autor chama a atenção também para o esquecimento imaterial, onde grandes acontecimentos, obras históricas e documentos fazem parte da memória coletiva que ele defende.

Metodologicamente, este estudo será norteado por meio da pesquisa bibliográfica e qualitativa. Segundo Lakatos e Marconi, a pesquisa bibliográfica pode ser definida como:

A pesquisa bibliográfica, “[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]”.<sup>8</sup>

Ainda seguindo alguns estudiosos a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como:

O uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> LAKATOS, E. M.; MARCONI. *Fundamentos metodologia científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001, p. 183.

<sup>9</sup> GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, apud Oliveira, Maxwell Ferreira de. *Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Catalão. Universidade Federal de Goiás. 2011, p. 24.

Diante disso, os dados serão analisados por meio da pesquisa hemerográfica, com foco nos jornais piauienses, em especial O Dominical, além de documentos da Academia Piauiense de Letras, revistas (Presença, Carta Cepro, Cadernos de Teresina) e, ainda, pela análise da vasta produção bibliográfica de Joaquim Chaves. Dessa forma, serão investigadas as múltiplas facetas da vida de Monsenhor Chaves: historiador, jornalista, padre e piauiense.

Entre as décadas de 1950 e 1970, surgiu uma nova perspectiva e uma nova geração de intelectuais no universo da historiografia piauiense. Esse grupo de pesquisadores tinha como objetivo, em suas produções, renovar o campo da escrita da história, distanciando-se do modelo tradicional. Nesse contexto, destacaram-se nomes como Manoel Paulo Nunes, José Camilo Silveira, Raimundo Nonato Monteiro Santana, Odilon Nunes e Monsenhor Chaves.

Essa segunda geração buscava “construir uma memória que valorizasse os principais eventos históricos ocorridos no Piauí, com características peculiares, geralmente enaltecendo os principais personagens locais, de forma elogiosa e ufanista”. Os homens de letras atuavam em diversos espaços, com o intuito de discutir suas ideias sobre os mais variados aspectos da história do Piauí, como a Academia Piauiense de Letras, a Faculdade de Direito (FADI) e a Faculdade Católica de Filosofia (FAFI).

Nesse sentido, Guerra aponta:

Os dois últimos estabelecimentos, percebemos que vários homens de letras, ali exerceram a atividade de docente e/ou de discente, como Raimundo Santana, que se tornou titular da cadeira de Economia Política da Faculdade de Direito e de História Econômica da Faculdade Católica de Filosofia, de Manoel Paulo Nunes, José Camillo da Siveira Filho, Raimundo José Reis e Wilson de Andrade Brandão, que se formaram no curso de bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais da FADI, sendo que o último, além de professor, também foi diretor da instituição.<sup>10</sup>

Nesse contexto, houve mudanças significativas no campo do desenvolvimento das pesquisas piauienses, como a atuação de importantes órgãos culturais, a exemplo do Centro de Estudos Piauienses (CEP), fundado em 1951, e do Movimento de Renovação Cultural. Diante dessa conjuntura, será feita uma breve exposição sobre a atuação desses historiadores no século XX.

Uma das primeiras grandes figuras da historiografia piauiense foi, certamente, Odilon Nunes. Segundo as pesquisas da professora Teresinha Queiroz, o historiador Odilon Nunes é “a erudição personificada”, sendo o maior representante do aspecto formal da história. Seu trabalho representa o maior esforço individual já realizado na literatura histórica piauiense. A

<sup>10</sup> MOURA, Iara. *O papel dos intelectuais piauienses na divulgação da escrita da História do Piauí*. XII Encontro Nacional de História Oral. Teresina, 2014, p. 2.

autora ainda afirma que o pesquisador era um positivista; no entanto, em suas pesquisas, o positivismo se manifesta como rigor na investigação documental.

Odilon Nunes, em suas pesquisas, abordou temas relacionados à economia, à sociedade e à administração, procurando compreender a formação social e política do Estado. Suas pesquisas antecederam as de Monsenhor Chaves, sendo seu primeiro livro publicado *O Piauí na História* (1931), obra que teve quatro edições. Monsenhor Chaves chegou a escrever cadernos contendo monografias de Odilon Nunes sobre a formação colonial piauiense. Dentre suas principais produções, destacam-se: *Os primeiros currais* (1957), *A economia e as finanças* (1959), *O devassamento e a conquista* (1960), *O povoamento e o seu desenvolvimento* (1960) e *Pesquisas para a história do Piauí* (em quatro volumes).

Outro nome de destaque é Raimundo Nonato Monteiro Santana, considerado uma das figuras mais importantes da historiografia piauiense, sobretudo por sua atuação como fundador do CEP e do Movimento de Renovação Cultural. Ele foi um grande incentivador da pesquisa histórica e da divulgação de obras de diversos historiadores piauienses. Destacou-se também por contribuir para o fortalecimento econômico do Estado do Piauí por meio da publicação e editoração de materiais voltados à economia piauiense, como a produção da revista *Econômica Piauiense*.

Em depoimento, Raimundo Santana afirmou: “O Estado pagava pela publicação que eles queriam que saísse, mas como eu influenciava nessas publicações, só saía coisa boa, como os artigos de Odilon Nunes, onde ele começou a sua grande obra.”

A partir da análise dos sujeitos acima, que se destacaram por suas produções históricas sob uma nova perspectiva de olhar e escrever História, torna-se necessário, no próximo capítulo, conhecer o vasto campo bibliográfico produzido por Joaquim Chaves, no universo intelectual no qual obteve destaque, ao lado de Odilon Nunes e Raimundo Nonato Monteiro Santana.



## 2 DE MENINO A MONSENHOR: TRAJETÓRIA DE JOAQUIM RAIMUNDO FERREIRA CHAVES NA IGREJA CATÓLICA

Neste capítulo, analisamos a vida de Joaquim Ferreira Chaves desde sua origem, em sua cidade natal, Campo Maior (PI), até sua chegada a Teresina, onde viveu a maior parte de sua vida. A proposta do estudo contemplou, principalmente, seu percurso na vida sacerdotal.

Para a construção deste capítulo, foram utilizadas entrevistas e depoimentos de Monsenhor Chaves publicados nos Cadernos de Teresina, no jornal católico O Dominical e na Revista Presença. O objetivo de utilizar essas fontes se deve ao fato de que, ao longo de sua vida sacerdotal, Chaves concedeu diversas informações sobre sua jornada religiosa aos periódicos piauienses, o que se mostrou essencial para a elaboração deste capítulo.

### 2.1 Monsenhor Chaves e a Igreja Nossa Senhora do Amparo

Nascido em 09 de março de 1913, na cidade de Campo Maior (PI), Joaquim Raimundo Ferreira Chaves era filho de Raimundo Chaves e Antônia Herondina da Silva Chaves. Licenciado em Filosofia pelo Seminário de Olinda (PE), Joaquim Chaves saiu de Campo Maior ainda menino e chegou a Teresina com o objetivo de ingressar no Colégio Diocesano, em 1925, acompanhado da mãe viúva e de seus dois irmãos: Newton Chaves, que se mudou para o Rio de Janeiro, e Maria dos Humildes Chaves.

Chaves dedicou-se à vida religiosa a serviço da Igreja Católica e também à área da educação, atuando em várias escolas católicas em Teresina, sendo considerado um intelectual por suas vastas produções historiográficas.

Em entrevista aos Cadernos de Teresina, Joaquim Chaves retrata Campo Maior como uma cidade antiga, com pouco comércio, dividida entre fazendeiros e latifundiários. Em relação à sua infância, ele pontua que viveu momentos alegres e despreocupados entre os estudos e as brincadeiras com os colegas. Chaves recorda que:

Meu instrumento era trombone, de talo de mamona. Um dia nos encontramos debaixo de um pé tamarindo, houve uma briga e eu apanhei muito. Meu instrumento quebrou logo – era de talo de mamona – e eu passei a tocar flauta, canudo, de taboca. Era engraçado, a gente brigava, mas não ficava inimigo. [...] E a gente seguia estudando e brincando.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> CHAVES, Joaquim. (Mons.) Entrevista. Monsenhor Chaves. *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano X, n.27, dezembro de 1997. apud. SILVA, Kamyla, 2024, p. 54.

Joaquim Chaves chegou a Teresina em 1920 e sempre expressou grande carinho e afeto pela cidade, tendo em vista que foi o lugar onde passou a maior parte de sua vida. Ao chegar à capital piauiense, Joaquim Chaves destaca que a cidade se assemelhava a uma pequena aldeia: não havia calçamento, não existia energia elétrica e o abastecimento de água era escasso. Para Chaves, o desenvolvimento de Teresina só aconteceu, de fato, na década de 1930. Dessa forma, ele descreve:

Quando eu cheguei aqui, em Teresina era uma pequena aldeia. Não tinha calçamento, a luz elétrica só funcionava até 11 horas da noite, o problema de abastecimento de água era grande, só havia em algumas ruas. Depois de [19]30, começou um desenvolvimento muito violento. De lá para cá tivemos bons prefeitos. Não tivemos prefeito ladrão! Eram homens honestos que trabalhavam por Teresina e merecem todo o nosso o respeito.<sup>12</sup>

Em *Subsídios para a História do Piauí* (2005), Monsenhor Chaves ressalta que, com o passar dos anos, a capital teresinense crescia cada vez mais em todos os sentidos: na segurança, tanto na zona urbana quanto nos interiores; na infraestrutura; no comércio; na saúde; na educação; e no lazer.

Joaquim Chaves demonstrava um profundo sentimento de gratidão por fazer parte de Teresina. Em suas falas, ele sempre destacava o carinho e o amor por sua terra natal, Campo Maior, por ter passado ali parte de sua infância e por ter dedicado boa parte de seu trabalho historiográfico à cidade.

Na década de 1960, Joaquim Chaves recebeu o título de cidadão teresinense durante a administração do prefeito Jofre Castelo Branco:

Eu recebi no tempo do Jofre [Jofre Castelo Branco]. O vereador Osmar Mendes, que era um rapaz novo, foi quem apresentou o projeto. Passou, eu recebi a homenagem e fiquei muito feliz. É um título de que me orgulho. Eu sou teresinense por lei, mas a minha vida toda foi aqui em Teresina. Eu nasci em Campo Maior e quero bem a minha terra, fiz o que foi o possível por ela, dentro das minhas possibilidades. Vim para Teresina para fazer o primeiro ano, em 1925, e nunca saí, a não ser quando fui fazer o curso superior em Pernambuco. Eu considero Teresina a minha cidade, o meu povo<sup>13</sup>.

O relato acima apresenta o sentimento de amor e gratidão que Monsenhor Chaves nutria por Teresina. Mesmo tendo chegado à cidade ainda adolescente, presenciou seu crescimento, ainda que de forma lenta. Em seus depoimentos, Chaves sempre demonstrava o carinho que

<sup>12</sup> CHAVES, Joaquim. (Mons.) Entrevista. Monsenhor Chaves. *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano X, n.27, dezembro de 1997.

<sup>13</sup> ENTREVISTA CHAVES, Joaquim. (Mons.), 1997 apud Silva, Kamyla, 2024, p. 55

mantinha por sua terra natal, Campo Maior; no entanto, sentia-se muito mais conectado a Teresina.

No dia 15 de setembro de 1935, na cidade de Teresina (PI), Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, aos 22 anos, ordenou-se padre, após concluir o curso de Teologia no Seminário de Olinda (PE), finalizado em 1932. Foi vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo desde 1948 até seu falecimento. O título de Monsenhor lhe foi conferido pelo Papa João XXIII. Atuou também como vigário geral da Arquidiocese de Teresina durante o governo de Dom Avelar Brandão Vilela, e como chanceler na administração de Dom José Freire Falcão.

Em entrevista à Revista *Presença*, Joaquim Chaves ressalta que a vida religiosa não era o desejo de sua família, pois seu pai desejava que ele seguisse a carreira militar. Sobre isso, ele relata:

Se dependesse da minha família, eu seria soldado e não sacerdote. A carreira militar, aos olhos do meu pai, era bastante atraente; dava mais prestígio. Tornei-me sacerdote por decisão pessoal, por vocação. Na meninice, descobri que a igreja era o meu lugar: tornei-me acólito e, mais tarde sacerdote.<sup>14</sup>

Além disso, cursou Filosofia, Teologia, Escritura Sagrada e Direito Canônico. No início de seu percurso clerical, Joaquim Chaves atuou no âmbito educacional de orientação católica, exercendo o cargo de diretor do Colégio Diocesano, além de lecionar no Colégio Diocesano São Francisco de Sales, no Liceu Piauiense e no Colégio Zacarias de Góis. Ademais, foi reitor e, posteriormente, vice-reitor do Seminário Sagrado Católico, nomeado pelo arcebispo Dom Severino de Melo. Em 1947, também assumiu a direção do jornal *O Dominical*.

Padre Chaves enfrentou dificuldades durante sua gestão à frente do Colégio Diocesano, pois, segundo ele próprio, sua administração era considerada liberal: “Eu era muito jovem e dirigia o colégio com muito liberalismo, digamos assim. Eu jogava bola com os alunos.”

É importante ressaltar que, após uma divergência e uma série de opiniões contrárias entre Joaquim Chaves e Dom Severino sobre o cotidiano escolar, a direção do colégio foi transferida para Paulo Hipólito de Sousa Libório.

Assim que retornou de Roma, Joaquim Chaves foi enviado para o Seminário Menor de Teresina, na década de 1940. Na época, o seminário funcionava na Casa do Barão. Além do trabalho no seminário, Padre Chaves também ministrava aulas de língua francesa no Liceu Piauiense, conseguindo, assim, uma renda para se manter em Teresina. Em suas palavras: “Ganhava muito bem, podia me manter sem maiores problemas. O dinheiro era suficiente para

---

<sup>14</sup> ENTREVISTA Monsenhor Chaves. *Presença*. Teresina, ano 21, n. 35, 1º semestre de 2006, p. 34.

suprir as minhas necessidades e ainda sobrava alguma coisa que eu mandava para a minha mãe. Não tive maiores problemas.”

Padre Chaves passou um longo período servindo na Igreja Nossa Senhora do Amparo, sendo considerado cuidadoso e dedicado aos serviços eclesiais. Auxiliava nas atividades paroquiais mesmo antes de ser ordenado sacerdote, como ele próprio destaca:

Eu trabalho na Igreja de Teresina desde que me ordenei, ou aliás, antes da ordenação eu já trabalhava, porque eu terminei meu curso. Eu fiz o curso de Teologia na cidade de Olinda (Pernambuco). Eu terminei lá em 1934, mas voltei pro Piauí e não podia me ordenar por causa da idade. Só podia se ordenar com 24 anos ainda. Eu tive que esperar quase um ano e nesse período eu não fiquei parado. Eu fui assumir, era secretário dos padres e diácono, e eu trabalhei como secretário dos padres e fui professor no Seminário. Em 1935 então me ordenei sacerdote, e aí comecei minha vida sacerdotal propriamente dita.<sup>15</sup>

Dessa forma, no dia 27 de julho de 1941, Padre Chaves recebe de Dom Severino Vieira de Melo a ordem para assumir a paróquia de Nossa Senhora do Amparo. Segundo Chaves essa decisão se deu pelo fato de o religioso ter uma conduta liberal:

Um dia, chegou o Pe. Rego e me disse: ‘O Velho (era assim que o chamávamos) está danado contigo urgente’. Pensei em não ir, já que eu estava ali ‘de castigo’. Mas fui procurá-lo no Palácio Episcopal. Encontrei-o nos aposentos dele, sentado, pernas cruzadas, fumando. Ele fumava muito. Ele fez de conta que não viu. Sem levantar a cabeça, declarou: ‘Você é pirrônico, mas eu também sou. Vá assumir imediatamente a paróquia de Nossa Senhora do Amparo’. Acho que era uma punição. O certo é que isso se deu em 27 de julho de 1941. Estou lá até hoje.<sup>16</sup>

Estes acontecimentos foram confirmados em depoimento de Myrian Chaves que morava com a família de Monsenhor Chaves à historiadora Kamila Vitória (2024). Sua caminhada de início na Igreja do Amparo se deu através de um desentendimento com Dom Severino de Melo, um certo dia o arcebispo presenciou um momento de diversão entre o diretor do Colégio Diocesano e os alunos:

Mas aí tem uma coisa interessante: ele trabalhava lá, ele tinha um cargo, e uma vez os meninos estavam brincando e o bispo chegou; ele chegou lá, os meninos correndo, jogando bola, ele também de batina com os meninos e tudo. Aí o bispo botou ele de castigo, ele veio aqui pra igreja de castigo porque estava botando os meninos grandes com os pequenos: ‘como é que podia uma coisa dessa?’ E aí ele disse: ‘mas em toda família os mais velhos estão

<sup>15</sup> CHAVES, Monsenhor. *Depoimento concedido à Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina, 1998.

<sup>16</sup> CHAVES, Myrian, 2024, apud Silva, 2024, p. 61.

sempre com os irmãos mais novos e não tem nada, só aqui que vai ter’’. E aí pegou esse castigo aqui e foram sessenta anos de padre.<sup>17</sup>

Padre Chaves chegou a ser vigário geral da Arquidiocese de Teresina. Era considerado um homem de muita agilidade, que realizava a missa de forma rápida — não por desleixo, mas por ser um homem objetivo, simples e completamente entregue à Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Marcava sua presença com simplicidade, bom humor e alegria.

Monsenhor Chaves recebeu o título de padre inamovível, ou seja, um padre que não podia ser transferido para outra arquidiocese. Ele permaneceu por quase 50 anos na Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Atualmente, esse título não existe mais na Igreja Católica.

A Igreja de Nossa Senhora do Amparo foi a primeira construção religiosa erguida em Teresina, sendo o primeiro templo da cidade. Joaquim Chaves percebeu a importância histórica desse espaço: os fiéis, os netos dos primeiros habitantes que migraram de Oeiras para a nova capital, e os primeiros moradores de Teresina que mantinham o hábito de frequentar a igreja. Por compreender esse valor histórico e religioso, decidiu firmar um compromisso com a pesquisa e a escrita sobre o Piauí.

De acordo com Monsenhor Chaves (2005), em *Subsídios para a História do Piauí*, “dentre todos os edifícios públicos de Teresina, cabe a primazia à Igreja do Amparo, cuja pedra fundamental foi lançada aos 25 de dezembro de 1850”. Ele ainda destaca um trecho de José Antônio Saraiva, datado de 3 de julho de 1851, que afirma: “Em dezembro reiterou-se o mestre de obras para o Poti, a fim de construir a nova Matriz, que subscrições já se acham adiantadas.”

Monsenhor Chaves, embora ocupasse a função de sacerdote, posicionava-se de forma crítica em relação ao comportamento de alguns padres. Em *Subsídios para a História do Piauí* (2005), enfatiza que, durante um longo período, havia poucos padres, e muitos pautavam seus discursos em questões políticas. Mesmo atuando dentro de um contexto conservador, nunca deixou de expor seu pensamento crítico sobre a atuação de religiosos que mantinham posturas voltadas apenas para fins políticos dentro da Igreja Católica, como pode ser evidenciado no trecho a seguir:

Naqueles primeiros cinquenta anos o povo mantinha sua fé quase que simplesmente por obra e graça da tradição. Os padres eram poucos e ainda assim dedicavam grande parte de seu tempo à política e aos negócios particulares. Nem sempre davam bom exemplo. Quase que se preocupavam apenas com as manifestações externas do culto e a administração dos sacramentos do batismo e do matrimônio. Não havia frequência aos sacramentos do batismo e do matrimônio. Não havia frequência aos sacramentos da penitência e da eucaristia. Também não havia preocupação

---

<sup>17</sup> CHAVES, Myriam. *Depoimento concedido a Kamila Vytória Santos e Silva*. Teresina, 2024, p. 61.

com a conservação dos templos e a substituição das alfaías imprestáveis. Isto competia ao governo.<sup>18</sup>

Chaves possuía conhecimento sobre as práticas abusivas da política propagada dentro e fora do ambiente religioso denunciando os interesses político-comerciais, as fraudes e a restrição da participação política do povo nas eleições. “uma comparação do presente com o passado no que diz respeito a eleições, no Brasil, chegaremos a um resultado que não nos pode encher de muito otimismo. [...] Talvez será melhor dizer que os atuais processos de violentar a liberdade do eleitor sejam apenas mais sutis [...] que os do passado.<sup>19</sup>”

## 2.2 Joaquim Chaves e a sua jornada na vida religiosa

Joaquim Chaves, durante o período em que serviu na paróquia de Nossa Senhora do Amparo, enfrentou uma série de conflitos na administração de Dom Severino Vieira de Melo. O bispo nasceu em 5 de junho de 1880, no sítio Pau Santo, próximo à cidade de Vitória de Santo Antão, no estado de Pernambuco. Quando decidiu continuar seus estudos, mudou-se para Olinda (PE), para a casa de seu padrinho, o cônego Marcelino Pacheco de Amaral. Depois, partiu para Caruaru, onde permaneceu até 1918, quando foi transferido para a reitoria do seminário. Ordenou-se sacerdote em 4 de janeiro de 1903 e foi vice-reitor do seminário até 1906. Em 1907, assumiu a paróquia de Gameleira, onde permaneceu até 1918, quando foi transferido para a paróquia da Glória do Goitá, na cidade de Olinda, permanecendo lá poucos dias. Em 7 de junho, foi nomeado bispo do Piauí, sendo sagrado em 25 de novembro e tomando posse em 23 de fevereiro de 1924. Terceiro bispo e primeiro arcebispo de Teresina, atuou por três décadas à frente da Igreja Católica local, exercendo suas funções pastorais no estado desde 1924 até seu falecimento, em 1955.

Durante sua administração, contribuiu para a instalação do Colégio Diocesano, a reabertura do Seminário Diocesano e, posteriormente, a construção da sua sede. Ao mesmo tempo, criou uma fundação para auxiliar na manutenção dos seminaristas. Adquiriu o Palácio Episcopal e estruturou, com sedes próprias, as paróquias de Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Amparo. Fundou, em 1937, o jornal *O Dominical*, que inicialmente teve uma publicação irregular, passando depois a semanário.

Esse clérigo foi um dos responsáveis por consolidar o processo de romanização com bases tridentinas da Igreja no Piauí. Além disso, esforçou-se para implantar, na diocese piauiense,

---

<sup>18</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Obra Completa de Monsenhor Chaves*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2005. p. 54.

<sup>19</sup> CHAVES, 2005, p.72

uma prática pastoral alinhada com a organização eclesial nacional, em uma fase vivida pela Igreja Católica denominada Neocristandade. Seu bispado teve como marco relevante a estruturação efetiva da circunscrição religiosa piauiense, priorizando o fortalecimento da Igreja enquanto instituição, centralizando o protagonismo da religião católica na hierarquia clerical, combatendo a religiosidade popular e buscando implantar uma prática católica romanizada entre os fiéis por meio da criação de associações pia.

Antonio Fonseca Neto aponta que Dom Severino esteve no Piauí durante as décadas do século XX, período em que a Igreja-mundo reconstituiu sua caminhada no tempo e na história nessa dimensão. Segundo ele, “a Igreja de Severino é a Igreja em cuja sede ocidental da romanidade explodem duas guerras que tocam em profundidade as bases da cidadela cristã”.

Dom Severino conseguiu consolidar um modelo de Igreja no Piauí voltado para a estruturação eclesiástica e para o combate aos desvios do mundo durante seu bispado. Assumiu posturas conservadoras frente aos serviços da Igreja Católica, postura esta que se desenvolveu a partir do pensamento tradicionalista da instituição clerical, com raízes na confluência de ideias religiosas correntes no século XIX, que foi um dos fatores contribuidores para a questão religiosa no Brasil em 1875.

Nesse contexto, diversas opiniões descreviam Dom Severino como um bispo conservador e autoritário. Um desses depoimentos encontra-se na fala de Joaquim Chaves. Quando o padre Chaves fez o primeiro curso de preparação para a celebração da missa em português, ele relata que não contou com o apoio do arcebispo: “[...] Dom Severino era um homem muito conservador e achou que aquilo era uma novidade ainda. Proibiu que eu fizesse o segundo curso e eu não pude continuar.”

Monsenhor Isaac Vilarinho complementa, afirmando: “[...] Nós tivemos aqui durante muitos anos Dom Severino Vieira de Melo, que foi um bispo muito austero, mas muito santo também, com uma espiritualidade muito profunda, porém ao estilo daquele tempo, que não era muito diferente do estilo da Idade Média.”

Nesse período, a Igreja Católica passava por uma série de reformas e discussões. Três aspectos principais estavam em pauta: a reforma dos hábitos dos clérigos, com a imposição do celibato como obrigação; a orientação para que suas práticas fossem estritamente religiosas; e a reforma dos hábitos religiosos da população brasileira, que praticava um catolicismo devocional ou familiar, buscando um catolicismo mais clerical, “com ênfase no aspecto sacramental, segundo o espírito tridentino”.

O processo de romanização do catolicismo piauiense se deu por meio de quatro vertentes. Na área educacional, para a educação masculina, foram criados o Colégio e o Seminário

Diocesano (1906); enquanto para a educação feminina, foi fundado o Colégio Sagrado Coração de Jesus (1906). Na área das reformas eclesiais internas, foram criadas comarcas religiosas que contribuíram para a disseminação da cultura intelectual católica, como bibliotecas e o Paço Episcopal. Na área da comunicação, foi criado o periódico eclesiástico *O Apóstolo* (1907–1912).

De acordo com Mainwaring, o modelo da Neocristandade alcançou seu apogeu entre 1930 e 1945, período em que Getúlio Vargas esteve à frente do governo brasileiro. Nesse momento, a Igreja mantinha-se conservadora em relação às políticas ideológicas do governo, combatendo crenças como o espiritismo e o protestantismo, além de se opor ao comunismo.

Para Warrington Araújo, no período da administração de Dom Severino, a Igreja Católica foi marcada pelo Primeiro Concílio Plenário Brasileiro, realizado em 1939, cujas ideias foram esboçadas desde 1890, após o rompimento das relações entre Igreja e Estado com a Proclamação da República, quando a instituição religiosa passou a liderar seus próprios projetos e caminhos. A título de exemplo, destacam-se as decisões do Primeiro Concílio Plenário Brasileiro:

[...] condenam formalmente o espiritismo; determinam que os fiéis se precavham de entrar em contato com entidades como Associação Cristã de Moços e o Rotary Club; determinam a fundação da Ação Católica em todas as paróquias; não aprovam as chamadas ‘missas dialogadas’; não autorizam a construção de igrejas e oratórios, a não ser em solo pertencente ao patrimônio eclesiástico; e proibem que, sem autorização de autoridade eclesiástica, sejam feitas restaurações e modificações de maior importância em igrejas já construídas.<sup>20</sup>

Segundo Warrington Araújo<sup>21</sup>, Dom Severino seguia com rigor, as normas propostas por este documento, administrando a Arquidiocese com nítida firmeza. Além disso foi condutor da formação doutrinária do catolicismo, o Arcebispo pensava a Igreja de seu tempo a partir da identificação de fronteiras explícitas entre os campos religioso, social e político, indicando um apostolado delineado por uma relação mais silenciosa ou distante da política partidária e dos governos estabelecidos, de forma que se encontra na contramão do caminho de tecido, posteriormente, por Dom Avelar.

De acordo com Melo<sup>22</sup>, uma das primeiras manifestações desse bispado foi através da Carta Pastoral “A Vontade de Deus” de 1924. Neste discurso, a Igreja Católica se reporta a dois

<sup>20</sup> ARAÚJO, de Veras apud, op. Cit. SILVA, Kamyla, 2024, p. 65.

<sup>21</sup> ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. *Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971)* Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Teresina, 2008.

<sup>22</sup> MELO, S. V. *Carta Pastoral: a vontade de Deus*. Teresina, 19 mar. 1924.



pontos característicos das discussões episcopais do início do século, que eram: O laicismo da constituição do poder político republicano e o apelo à “Santificação” das práticas sociais dos católicos.

Dom Severino tinha uma grande preocupação com relação a conduta e a fé dos fiéis. No documento ele pontua, como deveria ser o comportamento religioso dos católicos. O bispo acima de tudo buscava formas de direcionar como os cristãos deveriam buscar a santificação.<sup>23</sup>

Ainda analisando o contexto religioso em que Joaquim Chaves estava inserido, após o falecimento de Dom Severino Vieira de Melo, apesar de ser considerado um bispo conservador, tradicionalista e introspectivo frente aos serviços da igreja, mas também considerado um “autêntico líder espiritual”<sup>24</sup>, após seu falecimento que ocorreu no dia 27 de maio de 1955, devido uma doença que dificultava a execução de suas atividades dentre elas as atividades religiosas. Por conseguinte, assume o governo episcopal, de forma temporária, o sacerdote Joaquim Raimundo Ferreira Chaves que foi nomeado pelo antigo bispo como vigário da paróquia de Nossa Senhora do Amparo em 1948.

De acordo com o informado no jornal *O Dominical*<sup>25</sup> em junho do mesmo ano.

Segundo as normas estabelecidas no Direito Eclesiástico, após o falecimento do Sr. Arcebispo Metropolitano, reuniu-se em sessão extraordinária, no Paço Arquiepiscopal, o Conselho Arquidiocesano para a eleição do Vigário Capitular. Foi eleito o conhecido Sacerdote Pe. Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, Vigário da Paróquia de N. S. do Amparo, nesta Cidade. Feita a profissão de fé, adquiriu, sem mais, jurisdição, assumindo assim o Governo Arquidiocesano, enquanto durar a vacância. Anexo ao múnus de Vigário Capitular está o título de Monsenhor.

O Mons. Joaquim Chaves estava evidentemente credenciado para este alto encargo, pois além de suas conhecidas qualidades de culto e virtuoso Sacerdote viveu durante vinte anos seguindo cotidianamente os passos de Dom Severino, que nele depositou inteira confiança.<sup>26</sup>

Nota-se que o cargo que Joaquim Chaves recebeu através da votação se deu por sua dedicação e empenho sacerdotal frente aos serviços religiosos na igreja de Nossa Senhora do Amparo, tais atitudes percebidas pelos padres do clero teresinense e por Dom Severino. Joaquim Chaves assumiu a administração durante o governo de Dom Avelar. O seminário local

<sup>23</sup> O termo santificação, dentro do contexto do Concílio de Trento, que foi “foi um concílio papal [...] e estava voltado totalmente a serviço da recatolização da Europa” (KUNG, 2022: 76), significava a aproximação dos fiéis a Deus, deixando de lado os erros, através da obediência aos mandamentos de Deus.

<sup>24</sup> NOSSA homenagem a Mons. Chaves. *O Dominical. Teresina*, 5 jun, 1955, n. 23/55, p.3.

<sup>25</sup> Periódico intitulado de *O Dominical*, jornal de circulação diocesana e que tinha como objetivo discutir assuntos relacionados à moral, teologia e política. E teve como ex-diretor Mons. Joaquim Chaves.

<sup>26</sup> VIGÁRIO Capitular. *O Dominical. Teresina*, 5 jun. 1955, n. 23/55, p. 3.

*O Dominical*, em homenagem ao sacerdote capitular, aponta que ele “superou a expectativa mais otimista e mais exigente.”<sup>27</sup>

O jornal *O Dominical* afirma que Monsenhor Chaves dispôs-se a resolver todos os conflitos e necessidades da Arquidiocese que estavam ao seu alcance, de forma delicada e sensata, buscando em todos os casos a colaboração de seus colegas de trabalho, como sacerdote os caracterizava:

Testemunha ocular dos seus sacrifícios e esforços são todos aqueles que com ele viviam. Em se tratando de resolver um problema de relativa urgência, não poupava nem mesmo a saúde, por vezes um tanto precária, contando que tudo fosse solucionado, e da melhor maneira possível.

Espírito [...] e cordato, edificava a todos não só pela presteza com que se acudia de corpo e alma, a todas as necessidades da Arquidiocese (em família, nós falávamos da inquietude do Mon. Chaves), mas também pelo modo delicado (outros diriam diplomático) com quem enfrentava os diversos casos. [...]

Para nós, Mons. Chaves não se apresentava como um superior que dita cegamente ordens e quer vê-las imediatamente executadas, senão como um colega mais velho (e se comprazia em dizer-se colega) que solicitava gentilmente a nossa colaboração, indispensável aliás, para o bom andamento das coisas.<sup>28</sup>

Partindo desse pressuposto, é possível observar a conduta que Joaquim Chaves mostrava ao desempenhar os trabalhos da igreja sua administração como sacerdote, dedicado, e sempre acolhedor aos fiéis.

O bispado de Dom Severino e seu legado frente as mudanças clericais e sociais na sociedade piauiense foi tão intensa que de acordo com *O Dominical* no dia 28 de abril de 1959 formaram uma reunião no recinto da catedral, envolvidos por um grande sentimento religioso a presente sessão tinha como principal finalidade:

Senhores! A presente sessão, traz, também, em si, um motivo de fé. Porque tem ela a finalidade de ventilar em nosso meio, em agitar em nossa Oeiras, a campanha pró-assinatura da biografia do Exmo. Sr. Dom Severino Vieira de Melo, cuja memória o Piauí cultua. E fazer lembrada a memória dos Prelados eminentes a quem tanto devemos, é batalhar, também, pela fé. Fé nos destinos de nossa Pátria. Fé esperançada, na grandeza da Religião, que nos viu nascer; que embalou os primeiros passos do Brasil; que lhe acompanhou o envolver da civilização na orla litorânea e no sertão bruto; que sofreu, lutou por vê-lo independente; que colaborou em todos os tempos na obra de engrandecimento da Terra de Santa Cruz; que, destemerosa, o está a defender agora, dos tetricos arreganhos das ideologias vermelhas.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> NOSSA homenagem a Mons. Chaves. *O Dominical*. Teresina, 1956, p.6

<sup>28</sup> NOSSA homenagem a Mons. Chaves. *O Dominical*. Teresina, 5 maio. 1956, n. 19/56, p. 6.

<sup>29</sup> Campanha pra biografia de Dom Severino. *O Dominical*. Teresina. p. 3. 26 de abril de 1959.

A imprensa local registrava a importância que a figura de Dom Severino teve no contexto social e, sobretudo, no religioso, destacando-se principalmente por seus ideais pautados na fé e pela difusão de seus princípios religiosos e morais para conduzir a fé cristã.

Destaca-se, nesse cenário, a conjuntura religiosa e social entre Joaquim Chaves e o bispado de Dom Avelar Brandão. O bispo era originário do Engenho da Mata Verde, localizado no município de Viçosa, no estado de Alagoas, onde nasceu em 13 de junho de 1912, sendo seu pai Elias Brandão Vilela. Foi escolhido em 19 de setembro de 1955 para ser o quarto bispo e arcebispo da Arquidiocese de Teresina, tomando posse em 5 de maio de 1956.

Em depoimento concedido a Maria do Amparo, Monsenhor Chaves relata que:

Quando morre Dom Severino eu [Monsenhor Joaquim Chaves] vou nomeado, então vigário Capitular. Vigário capitular é aquele que dirige a Diocese durante a até vinda do novo Bispo. Aí houve muitas coisas nessa hora. Na hora da sucessão aparecem outras que estavam procurando, e o clero do Piauí, eu por duas vezes fui, por mandado deles, na Nunciatura para ver se sustentavam lá as coisas que estavam ocorrendo lá. Lá na direção para mandar aqui um novo bispo. Eles achavam que aquele bispo que devia vir para cá era uma continuação do governo, do reinado de Dom Severino, e nós queríamos era mudança. Eu consegui lá, com ajuda do Secretário da Nunciatura para as coisas mudarem. Eu não sabia quem vinha, só sabia que não era mais aquele que nós queríamos. Quando eu menos esperei, chegou o telegrama da Nunciatura avisando que no outro dia seria nomeado Dom Avelar Brandão Vilela.<sup>30</sup>

Percebe-se um anseio por mudanças por parte do clero católico em relação aos trabalhos e à atuação dos bispos na Igreja Católica. A fala acima ainda revela uma crítica aos 30 anos de serviço de Dom Severino, devido à sua postura conservadora, que durante três décadas buscou moldar a sociedade piauiense segundo os princípios clericais.

Entende-se, portanto, a postura de Joaquim Chaves na escolha do bispo que viria a substituir Dom Severino; por ser capitular geral, ele acreditava que poderia influenciar o perfil do bispo ideal para liderar a diocese de Teresina.

Dom Avelar tinha como base o lema “Evangelizar e Humanizar”. Durante o período em que esteve à frente da administração da Arquidiocese de Teresina, no Piauí, realizou diversas mudanças no cenário cultural da cidade, sendo uma das principais a instalação da Rádio Pioneira.

Diante de vários problemas sociais que afetavam a sociedade, como fome, miséria, doença e analfabetismo, a Igreja Católica tomou a iniciativa de criar o Movimento de Educação

<sup>30</sup> CHAVES, Monsenhor Joaquim. Depoimento concedido à Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina, 1998.p. 01. apud. Araújo, Warrington, 2008, p. 46.

de Base (MEB), fundado em 1961. A iniciativa partiu da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cujo objetivo era desenvolver um projeto de alfabetização por meio das escolas radiofônicas de alcance nacional, destinado a jovens e trabalhadores do campo.

De acordo com Amparo Carvalho, uma parte da Igreja Católica que compartilhava os mesmos ideais dos movimentos sociais obteve notoriedade na conquista de direitos para os menos favorecidos. Dom Avelar, arcebispo de Teresina, desenvolveu um trabalho com a juventude e, principalmente, com os trabalhadores rurais, com o propósito de instruí-los para que pudessem melhorar suas condições de vida. Ele ainda fortaleceu as Ligas Camponesas e os Sindicatos Rurais e levou a alfabetização por meio do Movimento de Educação de Base. A autora destaca que:

Para o trabalhador não havia possibilidades de melhorar as condições de vida porque qualquer atividade fora da lavoura era proibida, não podia criar animais e nem melhorar sua habitação. O camponês vivia e trabalhava apenas para a sua subsistência e de sua família, sem maiores perspectivas de vida. Considerando tais condições de vida mais humanas, com maior liberdade e autonomia. A perspectiva dessas possibilidades para o trabalhador seria precursora do desmonte de uma cultura camponesa, tradicional, onde prevalecia a exploração do campo.<sup>31</sup>

Elisângela Ricardo<sup>32</sup>, em sua tese de mestrado, discorre que ao mostrar apoio aos trabalhadores do campo Dom Avelar e a Igreja Católica, foram consideradas inimigas dos grandes proprietários de terra que apoiavam o regime da ditadura. No entanto o papel da igreja era conquistar também um maior número de fiéis com a propagação de suas ideias. O Movimento de Educação de Base ganhou uma grande proporção em vários estados brasileiros inclusive no Nordeste. Em Teresina, Dom Avelar foi o responsável por fundar o MEB atingindo cerca de 50 mil pessoas no dia 8 de abril de 1962, ao inaugurar em Teresina a Rádio Pioneira, que tinha como objetivo ampliar a necessidade da oralidade de Dom Avelar e disseminar as mensagens católicas. É importante destacar que a igreja não era permitida ter uma emissora por meios legais, sendo assim a rádio funcionava por sociedade de cotas. Segundo Francisco Alcides do Nascimento:

O fato é que Dom Avelar conseguiu através desse encontro com o presidente João Goulart agilizar o processo de concessão. Ao voltar para Teresina, tratou

<sup>31</sup> CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. *História e Repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regimento militar em Teresina*. Teresina: UFPI, 2006. apud. Ricardo, Elisângela. p. 46.

<sup>32</sup> RICARDO, Elisângela Maria. *Entre Indícios e Vestígios dos Tempos da Ditadura Civil Militar em Parnaíba-PI*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB. Redenção-CE: UNILAB, 2018.

de construir uma diretoria mínima da emissora para efeito de registro da junta Comercial. Essa primeira diretoria tinha como superintendente: Dom Avelar, e presidente; Monsenhor Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, e como diretor técnico; Padre Antônio José do Rego.<sup>33</sup>

Partindo desse ponto de vista, o fato é que o Arcebispo possuía uma grande influência religiosa, e de cunho político o que contribuiu para que a Rádio Pioneira fosse instaurada em Teresina.

Durante o período de Ditadura Civil-Militar<sup>34</sup> o Movimento Educacional de Base, foi atacado e controlado, os materiais escolares que eram elaborados pelos técnicos continham mensagens fazendo menção ao regime militar. A Rádio Pioneira mesmo tendo se destacado dentro das questões voltadas para formação educacional e cultural dos mais humildes, durante o período militar foi duramente reprimida. O MEB, passou por transformações em sua atuação, mas continuou contribuindo para o desenvolvimento do processo educacional.

Monsenhor Joaquim Chaves destaca: “o MEB, que era para educação do povo, era um trabalho de rádio levando escola para o campo. Era rádios cativos, aqueles radiozinhos. Os cabocos só pegavam a Pioneira para seguir as aulas”.<sup>35</sup>

A Rádio Pioneira, além de ter sido uma importante difusora de conhecimento e alfabetização voltada para a população da zona rural e zona urbana periférica, também serviu como um importante veículo de comunicação de mensagens religiosas católicas. Monsenhor Joaquim Chaves ao realizar a missa em homenagem a um ano da emissora destacou na ocasião que:

Meus irmãos: Esta missa está sendo celebrada em Ação de Graças pela passagem do primeiro aniversário da Rádio Pioneira. Há um ano atrás, precisamente a 8 de setembro do ano passado [1962], nascia a Pioneira. Nascia do idealismo, da fibra, da pertinácia de um homem só - Dom Avelar Brandão Vilela. Naquela hora, a não ser o fundador e mais alguns poucos idealistas que o cercavam, ninguém acreditava na Pioneira, decorrido apenas um ano, é hoje uma força atuante a serviço de autofalantes mais aperfeiçoado para a transmissão, em horas certas, de terços e novenas. Como se iludiram os que assim pensavam. A pioneira, decorrido apenas um ano, é hoje uma força atuante a serviço de grandes causas, inclusive as da Igreja na hora presente. Pela seriedade dos seus programas e serviços que a renovam a cada instante,

<sup>33</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e Memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alinea Publicações Editora, 2004, p. 66-67

<sup>34</sup> A Ditadura Civil- Militar foi um regime político no qual membros das forças armadas de um país centralizam política e administrativamente o poder do Estado em suas mãos, negando à maior parte dos cidadãos a participação e a decisão nas instituições estatais. Durante a ditadura, ocorreu o “milagre econômico”, ao mesmo tempo que houve congelamento dos salários. Prisões, torturas e outras violências extremas ocorreram nesse regime.

<sup>35</sup> CHAVES, *Op. Cit.*, 1998.

pela constante disponibilidade para servir, nossa Rádio é um elemento indispensável, propulsor da [...] espiritual, moral e cultural deste povo.<sup>36</sup>

Monsenhor Chaves ressalta a importância da emissora para a transmissão de notícias e das missas, ele ainda destaca que a Rádio Pioneira era um importante veículo voltado para questão espiritual, moral e cultural. A Pioneira teve como principal colaborador Dom Avelar que enxergava a rádio como uma das formas de acabar com o analfabetismo e como instrumento de catequização e evangelização do povo piauiense.

Um dos programas de caráter totalmente religioso e que obteve bastante êxito marcando o cenário da rádio piauiense foi a “Oração por um dia feliz”, através do qual Dom Avelar procurava passar aos ouvintes locais “a palavra amiga, o conforto moral e religioso”, enfim, a mensagem católica via rádio. Segundo Luciana Pereira, este era um dos programas que teve recorde de audiência.<sup>37</sup>

Dom Avelar tinha um interesse e uma necessidade muito grande em ser ouvido e de se constituir como um sujeito importante no que diz respeito a seus trabalhos realizados na arquidiocese de Teresina de acordo com Deoclécio Dantas:

Dom Avelar tinha a vontade e o desejo, sobretudo, pelo talento que possuía, de ser ouvido por um número maior de pessoas. Ele achava que no altar, o público não era bastante para aquilo. Então, ele conseguiu a rádio. Nessa iniciativa esteve dentro dele a necessidade e o desejo de primeiro ser ouvido e depois de difundir as ideias mais liberais, as questões mais objetivas e a defesa do interesse público com mais energia.<sup>38</sup>

Dom Avelar sempre procurou manter-se próximo dos fiéis e utilizando os meios de comunicação a seu favor, em primeiro lugar para aproximar-se cada vez mais dos religiosos, e em segundo plano, para expandir suas ideias de interesses pautados na evangelização e catequização da população como também seus posicionamentos políticos.

Dom Avelar foi considerado um arcebispo bastante popular dentro do cenário religioso que estava inserido entre os conflitos e as contradições mantinha uma imagem de coerência relacionada a Igreja Católica. Em uma festividade religiosa, o 1º Encontro Eucarístico de Teresina, Monsenhor Joaquim Chaves, destaca em sua fala como se constituiu a popularidade do arcebispo:

<sup>36</sup> MONSENHOR JOAQUIM Chaves fala sobre a Pioneira *Jornal O DIA*. Teresina, ano XIII N. 1122, 09 set 1963, p. 01.

<sup>37</sup> PEREIRA, Luciana Lima. de, e ANDRADE, José Maria Vieira de. *Pelas Ondas do Rádio: A Trajetória da Radiodifusão no Piauí na década de 1960*. ANPHU- XXII Simpósio Nacional de História- João Pessoa, 2023.

<sup>38</sup> DANTAS, Deoclécio. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002. Apud. Silva, Kamyla, 2024.p, 79.

Há homens marcados a quem Deus destaca para missões especiais no seio do povo. Até parece que sem eles, a história não poderia desenrolar-se. São pontos chaves nos planos da Providência. Seu influxo decisivo imprime um rumo característico ao curso dos acontecimentos. São guindados à celebridade, independente de suas vontades [...] Quem não o conhece no Piauí? Quem já não sentiu direta ou indiretamente o influxo de sua portentosa personalidade? Sabe dizer ‘não’ na hora que precisa, mas de uma maneira que ninguém lhe guarda ressentimento.<sup>39</sup>

Na citação acima, é possível perceber como Dom Avelar era visto como um bispo moderador, mas também conservador conhecido por sua coerência, por sua preocupação na hora de conduzir seus programas religiosos, e, sobretudo aquele bispo que sabia dizer sim em diversas circunstâncias e não em outras.

Das representações deixadas por Dom Avelar, o que se pode chamar de memória oficial, é a que o arcebispo gozava de uma credibilidade incontestável, o que fazia com que tivesse uma enorme aceitação, que ficou registrada nas lembranças individuais, compondo uma memória contínua e estável<sup>40</sup>. O que pode ser explícito no depoimento abaixo de Joaquim Chaves:

Dom Avelar chegou, ele movimentou tudo isso. Eu tinha por ele uma grande amizade, uma amizade profunda mesmo. Embora eu não comungasse com certo modo de agir. Aí é que estava a minha luta, porque eu tinha que seguir meu arcebispo, tinha que apoiá-lo em tudo, embora eu achasse que às vezes havia certo exagero, ele achava que não. [...] Era difícil a gente fazer, às vezes tinha que engolir sapo, como se diz. Tomar certas atitudes que não estavam de acordo com o seu temperamento, tudo mais, mas era necessário.<sup>41</sup>

No entanto, Monsenhor Chaves mesmo tendo que exercer trabalhos e funções ao lado de Dom Avelar em muitas situações não concordava com muitas decisões que eram tomadas por ele.

Diante da trajetória de Joaquim Ferreira Chaves dentro do cenário religioso em que estava inserido seu sacerdócio e sua postura enquanto religioso na administração de Dom Severino e Dom Avelar observa-se múltiplas conjunturas nas falas de ambos os religiosos. No Piauí a Igreja Católica passou por inúmeras transformações com a gestão dos dois bispados destacando as práticas de interesses e o lugar social que cada sacerdote desempenhava na igreja. Na sequência desse estudo, será analisado Joaquim Chaves e seu ofício de historiador, tendo em

<sup>39</sup> Monsenhor Joaquim Chaves. Dom Avelar Brandão Vilela. *Revista Caravana*. Especial. Primeiro Encontro Eucarístico de Teresina. Ano XIV, jan, 1961. Rio de Janeiro.

<sup>40</sup> ARAÚJO, op. Cit. 2008, p. 70

<sup>41</sup> CHAVES, Joaquim. (Mons.) Dom Avelar Brandão Vilela. *Revista Caravana*. Especial. Primeiro Encontro Eucarístico de Teresina. Rio de Janeiro. Ano XIV, jan. 1961

vista que o sacerdote durante um período em que serviu a igreja passou por diversos conflitos diante de sua fé que o motivou a se afastar dos serviços religiosos.



### 3 O CENÁRIO HISTORIOGRÁFICO PIAUIENSE NO SÉCULO XIX E XX

Neste capítulo, serão analisadas as obras de Clodoaldo Freitas, Abdias Neves, Higino Cunha que se destacaram com suas produções no final do Século XIX contribuindo para historiografia piauiense o capítulo tem como finalidade identificar a escrita dos intelectuais do Século XIX e sua contribuição para historiografia tradicional. Para embasamento do capítulo foram utilizados os livros dos referidos historiadores como também artigos e obras da professora Teresinha Queiroz.

De acordo com Teresinha Queiroz<sup>42</sup>, o período que abarca o final do século XIX às três primeiras décadas do Século XX, às décadas de 1950 a 1970 e ao período iniciado nos anos 1980 até 2000. Correspondem ao período em que, talvez mais se tenha pensado de maneira sistemática acerca da história do Piauí. Em que pese o domínio ainda da compreensão tradicional da história, essa escritura hoje já se alargava para o que é hoje é visto como dimensão cultural. Em paralelo àquela história tradicional, considerada, às vezes, de forma até muito ligeira, de positivista, verifica-se também a presença de objetos da História Cultural<sup>43</sup>.

Dentro desse recorte de tempo, as gerações de historiadores das primeiras décadas do século XX atuavam em um campo temático muito vasto, com diferentes abordagens em relação à história, porém guardando alguns elementos em comum. Teresinha Queiroz define como historiadores aqueles que produziram sua escrita olhando do presente para o passado, conferindo assim um significado de registro aos seus trabalhos, embora nem sempre eles assim se vissem no momento da sua vida e produção.<sup>44</sup>

Historiadores, como José Pereira de Alencastre, com sua obra *Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí*<sup>45</sup>, Miguel Borges, com *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres*, ambos publicados no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro<sup>46</sup> (IHGB), e no final do século XIX, de Francisco Pereira da Costa, representam uma geração de historiadores responsáveis pela maneira de pensar e abrem uma reflexão acerca da memória social do Piauí. No entanto, quando o pesquisador se volta para essas pesquisas, nota-se que esses trabalhos em sua maior parte caíram no esquecimento.

---

<sup>42</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Historiografia Piauiense*. In: Do Singular ao Plural. Recife: Edições Bagaço, 2006, p. 142-144.

<sup>43</sup> A História Cultural é um campo da história que se dedica ao estudo da cultura, das suas manifestações e do seu impacto na vida social e política. Em vez de se focar em grandes eventos ou figuras políticas, como a História Política, a História Cultural investiga as práticas, crenças, valores e representações culturais de diferentes grupos sociais em diferentes períodos.

<sup>44</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Historiografia Piauiense*. In: Do Singular ao Plural. Recife: Edições Bagaço, 2006, p. 143.

<sup>45</sup> ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1981.

<sup>46</sup> O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi fundado em 1838 como objetivo de preservar a cultura nacional de triplice: estimulando os estudos históricos, geográficos e de ciências sociais sobre o Brasil; reunindo um grande acervo representativo da memória do nosso país; divulgando e compartilhando essas informações.

Destaca-se dentro desse contexto o estudo do historiador Manuel Domingos Neto, descrevendo uma pequena produção bibliográfica existente sobre o Estado do Piauí, e as dificuldades de fazer uma análise historiográfica, de muitas obras estudadas e analisadas pelo pesquisador muitas não foram possíveis como a *Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí*, de Alencastre. O autor afirma que:

A produção historiográfica sobre o Piauí ainda se mantém, fundamentalmente, de caráter meramente descritivo. O lado analítico dos Estudos históricos está em evidente desproporção com as informações historiográficas já disponíveis. A razão pela qual inserimos alguns textos de caráter mais documental sobre determinados assuntos é devido ao fato de estes mesmos assuntos permanecerem quase à margem da produção bibliográfica e, portanto, a leitura dos documentos é fundamental para o seu conhecimento<sup>47</sup>.

É válido destacar as pesquisas de José Martins Pereira de Alencastre, que desde cedo revelou-se um estudioso infatigável ganhando êxito dentro da atividade intelectual pelas suas pesquisas. A obra *Memória Cronológica, Histórica e Corográfica do Piauí*, suscita duas reflexões sobre a historiografia piauiense: a primeira, relacionada à aferição das fontes consideradas na produção dos ensaios históricos e outra pertinente à necessidade de sistematização e periodização da história do Piauí. O autor aborda sobre diferentes perspectivas a história do Piauí.

O autor retrata como se sucedeu os fatos sobre a história do Piauí o momento em que Domingos Afonso Mafrense e Domingos Jorge chegam nas terras de Pernambuco em busca de capturar indígenas e assim apossar de suas terras, José de Alencastre ainda trata em suas pesquisas como os indígenas eram tratados pelos novos povoadores e como tentavam resistir ao processo de escravidão imposto por eles.

José Pereira de Alencastre é considerado o primeiro historiador piauiense colocando-se entre os modernos investigadores brasileiros. Alencastre se apropriava de fontes arquivistas a procura da verdade sobre os fatos históricos da história do Piauí debruçando-se sem descanso sobre as fontes documentais sobre a sociedade piauiense. Na mesma época em que Alencastre pesquisava e procurava fontes e fatos incansavelmente Francisco Adolfo de Varnhagen devassava arquivos do País e inclusive do estrangeiro dotado de mais recurso e fazendo parte do IHGB, o historiador teve acesso a arquivos portugueses, explorando assim cartórios e bibliotecas.

---

<sup>47</sup> DOMINGOS NETO, Manuel. *Indicações bibliográficas sobre o Estado do Piauí*: selecionadas e comentadas. Teresina: Fundação CEPRO, 1978. p. 5.

Durante um longo período que passou no Piauí contribuindo com suas vastas pesquisas, Alencastre abordou sobre diversos aspectos que faziam parte do Estado o autor divide sua obra *Memória cronológica, Histórica e corográfica da província do Piauí*, partindo de dois pontos; a questão política e territorial do Estado. O historiador obteve destaque em suas pesquisas arquivistas fazendo parte do IHGB contribuindo de maneira significativa para os estudos e pesquisas do Piauí.

Dentro desse cenário, Miguel de Sousa Borges Leal Castello Branco temos ainda *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos importantes na província do Piauí*. A obra foi editada em 1879, com poucos exemplares em circulação seu livro tornou-se importante pois marcou o esforço sistemático do historiador no Piauí, no entanto a obra não chamou muito a atenção dos leitores contemporâneos e ganhou destaque apenas no século XX. *Apontamentos biográficos* corresponde a fase de produção histórica piauiense das três primeiras décadas da República.

Em sua escrita, Miguel Borges descreve a importância dos grandes homens que fizeram parte da sociedade piauiense no século XIX. Em seu livro o autor busca destacar perfis piauienses de famílias tradicionais dois critérios de avaliação: o primeiro estava pautado nos nomes das grandes famílias, que desde a época colonial ocupavam o território; o segundo critério envolvia as pessoas que prestavam serviço na sociedade atuando em altos cargos. Entendemos que Miguel Borges buscava em suas pesquisas tenta traçar um panorama das pessoas de elite que participavam de questões políticas da época: ao produzir biografias de patriarcas de famílias influentes no poder político local e de descendência portuguesa, o autor também privilegiava figuras que integravam a história da sua própria família<sup>48</sup>.

Em *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres*, o autor trata com maior destaque o nome de três personagens ligados a acontecimentos importantes ao processo de independência que se sucedeu no Norte do Brasil. Leonardo de Carvalho Castelo Branco<sup>49</sup>, José Francisco de Miranda Osório<sup>50</sup> e Manuel de Sousa Martins<sup>51</sup>. Na escrita que o autor aborda ele

<sup>48</sup> QUEIROZ, Teresinha; DIAS, Rodrigo Thadeu Paiva. Clodoaldo Freitas biógrafo: Cultura e política em Vultos Piauienses (1903). *Humanas Res*, v. 6, n. 9, 2024, p. 94-109, jan. a jul. 2024.

<sup>49</sup> Leonardo de Carvalho Castelo Branco nasceu na fazenda taboca (hoje no município de Esperantina) em 1788. Recebeu educação no seio da família, pois seu pai, Miguel de Carvalho, fora educado no colégio dos jesuítas da Bahia. Estudou português, latim, geografia, física matemática. Participou ativamente da política a partir de 1821.

<sup>50</sup> Aos 13 anos incompletos foi encaminhando pelo pai que era capitão de primeira linha do Exército, para a vida militar. Alferes em 1815, tenente em 1820, capitão em 1823 e em seguida major. Alcançou o posto de tenente-coronel em 1831. Mudou-se de Oeiras, sua terra natal, para Parnaíba onde se dedicou ao comércio, sendo caixeiro de seu tio, logo após de seu sogro. Envolveu-se na vida política brasileira em 1817.

<sup>51</sup> O Brigadeiro de Sousa Martins, nasceu em 08 de dezembro de 1767 na fazenda Serra Vermelha, situada então no município de Oeiras, hoje localizada no município de Paulistana Centro-Sul do Piauí. Ele era filho legítimo do português Manoel de Sousa Martins e de Ana Rodrigues de Santana.

pontua os grandes feitos de Leonardo de Carvalho Castelo Branco colocando suas ações durante as lutas de independência como patrióticas.

Ademais, Borges fez uso de fontes memorialísticas, buscando arquivos pessoais, documentos oficiais, jornalísticos e familiares referentes àqueles sujeitos que fazem parte do seu objeto de estudo. As primeiras versões foram publicadas em seu próprio jornal intitulado de *A Imprensa*, com o intuito de solicitar fotografias, informações, memórias desses sujeitos biografados aos seus familiares. Os perfis biográficos eram divulgados no periódico, e, com a colaboração de leitores, a partir de cartas endereçadas ao jornal, os textos eram atualizados e publicados no *Almanaque Piauiense* e assim seriam transformados no formato de livros, beneficiando as famílias biografadas em sua obra.

Miguel Borges defendia que o Estado é uma construção do sujeito, ao longo de sua produção ele procura colocar os grandes feitos desses homens sobretudo de grandes famílias piauienses, favorecendo os aspectos genealógicos e familiares que contribuíram para formação do Estado colocando em suas pesquisas sujeitos sociais mesmo que de classe alta afastando-se de uma certa forma de fatos políticos que predominava no contexto em que esses personagens biografados estavam inseridos.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, destaca-se a segunda geração de historiadores piauienses. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Abdias Neves, ambos se formaram bacharel em Direito pela Faculdade de Recife, hoje conhecida como Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco.

A Faculdade de Direito de Recife, em seus primeiros anos de fundação, atuava para diversos fins além da formação de bacharéis, mas sobretudo, como um espaço intelectual, poético, crítico, filosófico, sociológico, artístico e jurídico. A Faculdade foi palco de grandes manifestações políticas da época. A linha de pensamento que predominava eram as correntes científicas, circulavam ideais relacionados ao abolicionismo, anticlericalismo, liberalismo e evolucionismo. Durante o contexto da virada do século XIX para o início do XX a Faculdade de Direito de Recife viveu tempos gloriosos e de muita influência de grandes intelectuais:

Foi na Faculdade de Direito do Recife onde nasceu e floresceu o movimento intelectual poético, crítico, filosófico, sociológico, folclórico e jurídico conhecido como a Escola do Recife, nos anos de 1860 e 1880 cujo líder era o sergipano Tobias Barreto de Meneses. Outras figuras importantes do movimento foram Sílvio Romero, Artur Orlando, Clovis Bevilacqua, Capistrano de Abreu, Graça Aranha, Martins Júnior, Faelante da câmara, Urbano Santos, Abelardo Lobo, Vitoriano Palhares, José Higino, Araripe Júnior, Gumercindo Bessa.<sup>52</sup>

<sup>52</sup> GASPAR, Lúcia. Faculdade de Direito do Recife: Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 2009, p. 01.

Dessa forma, a Faculdade de Direito de Recife durante a década de oitenta tornou-se um espaço importante para a formação de grandes nomes de intelectuais conhecidos como homens das letras. Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Abdias Neves se destacaram nesse universo eram bacharéis, burocratas, atuavam em jornais e exerciam cargos públicos, ao tempo em que atuavam como historiadores, mesmo sem formação específica. A importância desses historiadores no que tange à produção do conhecimento contribuiu posteriormente para a criação de várias instituições como a Academia Piauiense de Letras, que foi criada através da participação e da influência política de um grupo de intelectuais letrados, que atuavam em diversas esferas de conhecimento, no jornalismo, produção poética e histórica da Faculdade de Direito do Recife.

### 3.1 Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Abdias Neves geração de intelectuais do Século XIX

Clodoaldo Severo Conrado Freitas<sup>53</sup>, da turma de 1880, Higino Cunha<sup>54</sup>, da turma de 1885, e Abdias Neves<sup>55</sup>, da turma de 1898 desejaram e usaram de seus conhecimentos e benefícios para fundarem a Academia Piauiense de Letras. Teresinha Queiroz em seu discurso de posse ressalta que:

[...] tirar Teresina da condição de acanhamento e de provincianismo que fazia com que ela contrastasse profundamente com São Luís, a Atenas brasileira; com Belém, vista como um lugar de vanguarda cultural; com Recife, a metrópole do Norte; e com o Rio de Janeiro, cenário do sonho dos literatos brasileiros.<sup>56</sup>

Nota-se um desejo e um esforço mútuo desses intelectuais para fundação do órgão máximo das letras com o objetivo de produzirem conhecimento e inserir Teresina no contexto cultural e social.

Dentro desse cenário historiográfico piauiense, Clodoaldo Freitas (1885-1880), se destacou como intelectual piauiense considerado homem das letras e vinculado na década final

<sup>53</sup> Clodoaldo Severo Conrado Freitas nasceu em Oeiras (PI) em 7.09.1855 e faleceu em Teresina (PI) em 29.06.1924. Formado em Direito pela faculdade de Direito de Recife, em 1880, exerceu várias funções, foi advogado, jornalista, político e historiador.

<sup>54</sup> Higino Cícero da Cunha nasceu em flores (atual Timon-Maranhão) em 11.01.1858 e faleceu em Teresina em 16.11.1943. Formado pela Faculdade de Direito de Recife no ano de 1885, exerceu o cargo de advogado, promotor, juiz e professor.

<sup>55</sup> Abdias da Costa Neves nasceu em Teresina no dia 19.09.1876 e faleceu em Teresina no dia 28.08.1928. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, ao longo de sua vida atuou em diversas esferas da sociedade piauiense foi jurista, político, jornalista, poeta, professor e etc.

<sup>56</sup> QUEIROZ, Teresina. Teresinha Queiroz: emoção e respeito no discurso de posse. *Presença*. Teresina, ano 23, n. 41, p. 40, abril de 2008.

do Império ao Partido Liberal, o que colaborou para que o historiador se estabilizasse de início na sua carreira contribuiu para escrita histórica brasileira ao longo da sua trajetória escreveu sobre os mais diversos gêneros textuais; como escritos jornalísticos, poesia, prosa literária, da historiografia à biografia. Em suas pesquisas o autor buscou as mais variadas fontes, apropriou-se de jornais, folhetos, panfletos, livros. Clodoaldo Freitas publicou, dentre outros: *Vultos Piauienses* (1903); *Em rodas dos fatos* (1911); *Os burgos* (1912); *História de Teresina*.

No artigo intitulado Clodoaldo Freitas Biógrafo: Cultura Política em Vultos Piauienses (1903), de autoria de Teresinha Queiroz e Rodrigo Thadeu, destacam que Clodoaldo Freitas, assim como muitos de seus contemporâneos, foi pragmático em sua atuação intelectual. No contexto em que estava inserido, a escrita era muitas vezes instrumentalizada. Em relação à sua produção literária, Freitas apresenta diversas manifestações, trazendo um sentido político ou interventivo. Em seus escritos, o autor aborda de forma prescritiva várias questões, como os papéis de gênero, destacando as formas consideradas mais adequadas de ser homem e mulher na sociedade, além da importância desses papéis para a manutenção instável da ordem social.

Destacamos a obra *Rodas e Fatos* (1911), uma coletânea de 43 crônicas produzidas nas cidades de Teresina, São Luís e Belém entre os anos de 1902 e 1906, período em que o anticlericalismo ganhou grande proporção no Piauí. Nos textos dessa coletânea, Clodoaldo Freitas realiza uma análise importante, fazendo críticas que defendem a separação entre Igreja e Estado e reprova as atitudes da Igreja em relação ao frade durante o período republicano no Piauí. Nesse contexto, a Igreja exercia grande influência sobre a vida do homem, seja no campo religioso, institucional ou estatal.

Assim como vários intelectuais de sua época, ligados à maçonaria e com base em uma política liberal, esses sujeitos incomodavam-se com o domínio que a Igreja tinha sobre a sociedade nos primeiros anos do século XX. Eles procuraram disseminar suas ideias, criticando uma teologia religiosa pautada no fanatismo e, muitas vezes, na superstição. Esses ideais anticlericais geraram uma certa revolta entre os religiosos e parte da sociedade piauiense.

Clodoaldo Freitas fazia parte de uma família tradicional católica, em que os moldes religiosos estavam presentes. No ano de 1870, foi enviado ao Seminário de Mercês, localizado na cidade de São Luís, um “famoso instituto de humanidades” destinado à preparação para exames admissionais no Seminário Maior de Santo Antônio, destinado “exclusivamente à formação do sacerdócio”<sup>57</sup>, no entanto Freitas acabou expressando desilusão em torno dos ideais propagados pela Igreja.

---

<sup>57</sup> NERIS, Wheriston Silva. A produção do corpo sacerdotal no Bispado do Maranhão (XIX). *Outros Tempos: Pesquisa em Foco. História*. 8(12). Disponível em: <https://doi.org/10.18817/ot.v8i12.50>. Acesso: 3 jul. 2023.

De acordo com Higino Cunha, os motivos para a desilusão de Clodoaldo Freitas com os serviços religiosos foram o contraste percebido entre os ensinamentos doutrinários da Igreja e os comportamentos heterodoxos praticados pelos eclesiásticos de sua família e do seminário maranhense, além das interferências que orbitavam em torno das questões religiosas. Segundo Teresinha Queiroz, “ao abandonar a profissão religiosa, Clodoaldo Freitas direciona sua atenção para o estudo da jurisprudência, logrando êxito nas provas de acesso à Faculdade de Direito do Recife, recinto responsável pela propulsão da vertente literária anticlerical no Piauí durante a transição para o século XX”.

Clodoaldo Freitas desenvolve seus textos pautado nos ideais do anticlericalismo prático, e suas obras eram escritas seguindo uma linha de caráter cientificista e positivista. A narrativa anticlerical propagada por Freitas consolidava-se em vários setores da sociedade; em seus textos, o autor procura investigar como se davam essas práticas.

O livro *Em Rodas dos Fatos* faz menção e analisa os abusos cometidos por pessoas pertencentes ao clero católico. Ao longo de sua escrita voltada ao anticlericalismo, o autor buscava construir uma imagem de como a hipocrisia cristã se fazia presente na sociedade piauiense, sobretudo na figura do frade, que era representado como divino. Na visão de Freitas, o frade é discutido em sua obra como alguém que prega os ensinamentos de Cristo, mas que, na prática cotidiana, foge do que é propagado no altar. Assim, Clodoaldo Freitas afirma que:

O frade não nos traz a palavra divina: traz a sacola. O óbulo do crente não é destinado a fins religiosos: é destinado a fins particulares. O padre não prega a doutrina cristã: prega o insulto pessoal, calúnia, o ódio, a política. Cristo figura nos altares numa víscera e a coroa de espinhos, que lhe flagelou a cabeça, foi transferida para o seu coração. [...] O perdão das injúrias, a humildade, o amor do próximo deixaram de ser virtudes cristas.<sup>58</sup>

Desse modo, o autor busca chamar a atenção da sociedade piauiense para a necessidade de combater a influência da ideologia propagada pela Igreja Católica, sobretudo na construção da imagem do frade, que era retratado como um sujeito que fazia a ponte da terra para o paraíso.

Outro estudo de Clodoaldo Freitas que merece destaque está presente na obra *Cultura Política em Vultos Piauienses* (1903). O livro é composto por biografias de dez importantes personagens, nas quais o autor apresenta uma posição crítica em relação à política durante o período da República no Brasil, instaurada em 1889. Nesse sentido, Freitas destaca na obra nomes de grandes sujeitos piauienses de destaque no século XIX: José Manuel de Freitas, João Alfredo de Freitas, Deolindo da Silva Moura, Leonardo de Nossa Senhora das Dores, Castelo

---

<sup>58</sup> FREITAS, Clodoaldo. *A República e a Igreja*. In: FREITAS, 1996. p. 181.

Branco, Luísa Amélia de Queiroz Brandão, Licurgo de Paiva, José Coriolano de Sousa Lima, Miguel de Sousa Borges Castelo Branco, José de Araújo Costa e Teodoro de Carvalho Castelo Branco.

Na obra, o autor revela a trajetória desses sujeitos, evidenciando diversas questões da vida desses personagens. É importante ressaltar que, durante sua contribuição cultural para a escrita piauiense, Freitas pontua vários aspectos da política vigente no período republicano, desde a sua implantação em 1889. Percebe-se que a escrita de Clodoaldo Freitas era eminentemente política, mas também cultural. O intelectual, sobretudo na obra *Vultos Piauienses*, faz críticas ao modelo de República, discutindo a política formal e partidária, enquanto mergulha nas múltiplas trajetórias dos sujeitos inseridos nesse contexto.

Durante seu percurso na escrita piauiense, Clodoaldo Freitas enfrentou diversos problemas e, muitas vezes, sentia-se cercado por sentimentos de angústia e frustração diante do período que investigava. O autor precisou deslocar-se por vários Estados para realizar suas pesquisas e trabalhar. Por influência política, publicou em Teresina, São Luís (MA) e Belém, entre 1902 e 1903. Em seus textos, relata diversas vezes sua insatisfação com o modelo republicano vigente, além do legado deixado pelo período imperial e por Dom Pedro II. Em sua crônica intitulada *A Data Suprema*, ele expressa sua indignação com o modelo de República daquela época:

Fizemos a República, mas isso não nos deve bastar. Agora devemos tratar de Republicanizá-la, como já foi oficialmente lembrado pelo Dr. Joaquim Murtinho. Devemos tornar a justiça uma realidade, o voto uma expressão exata da vontade popular. Havendo tribunais compostos de juizes ilustrados e retos, eleições sérias, tudo entrará suavemente, naturalmente na ordem. Quem pode temer as violências do poder, desde que conta com as garantias dos tribunais? Por mais fundos que sejam os meus desalentos e completas as minhas desilusões, sinto que as recordações do passado ainda fazem vibrar patrioticamente os meus nervos, sentindo ainda a inexprimível emoção que apoderou-se de minh'alma quando, pela primeira vez, ouvi o anúncio da proclamação da República, o sonho fervoroso da minha mocidade inteira, agitada, consumida pelas lutas renhidas, pela Abolição e pela República. A emoção foi igual à que experimentei quando ouvi o primeiro vagido do meu primeiro filho. O gozo daquele instante me compensa da mágoa do desterro, da ingratidão dos correligionários e da vergonha de ver a República, esquecendo-se dos republicanos, aproveitar os negreiros e conservadores, entregando-lhes a implantação do regime republicano, como aconteceu em minha terra! E a consequência é que, lá, a república nunca passou de uma mísera feitoria.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Em rodas dos fatos*. 3. ed. Teresina; Brasília: Academia Piauiense de Letras; Senado Federal, 2011. p. 91.



Nota-se, por meio da fala de Clodoaldo Freitas, que o modelo de republicanização era voltado apenas para uma propaganda de conformidade com os interesses políticos do século XX, ou seja, uma República que havia sido instaurada, mas que não atendia aos anseios da sociedade republicana, o que lhe causava um sentimento de frustração e indignação com o regime vigente.

Por conseguinte, o livro *História de Teresina*, escrito por Clodoaldo Freitas entre os anos de 1911 e 1912, foi sua última obra publicada em forma de folhetim no jornal *O Diário do Piauí*. A obra é composta por um extenso corpo documental, incluindo relatórios, mensagens de chefes do Executivo, além de ofícios referentes à educação, saúde, filantropia, religião e obras públicas. Os textos historiográficos de Freitas são, em sua maior parte, autobiográficos, memorialísticos e subjetivos, o que o fazia dialogar com os estudos historiográficos de sua época.

Nessa obra, Clodoaldo Freitas utilizou a imprensa como meio tanto para complementar suas pesquisas quanto para divulgar sua escrita. De acordo com Ronyere Ferreira, em seu artigo intitulado “História, Literatura e Memória: Clodoaldo Freitas e as narrativas sobre o fazer política no século XIX”, destacam-se importantes veículos de imprensa que colaboraram na produção de Freitas: *A Imprensa*, *A Falange*, *O Democrata* e *O Monitor*, os principais periódicos entre os anos de 1872 e 1912.

O autor direciona sua pesquisa para um universo social amplo, focalizando sujeitos que circulavam nas grandes esferas de poder, como presidentes, secretários da província, governadores, senadores, deputados, intendentess, diretores de repartições públicas, sacerdotes, militares, engenheiros, empresários e jornalistas influentes.

Em *História de Teresina*, Clodoaldo Freitas apresenta uma visão desses personagens, mas também volta sua escrita para as instituições e repartições públicas da cidade, como igrejas, monumentos arquitetônicos e aparatos públicos. É importante ressaltar que o autor evidencia a relação e o posicionamento dos chefes do poder executivo acerca dessas edificações, especialmente no que tange aos orçamentos e verbas destinadas às construções.

Na obra, Freitas busca mostrar, por meio de uma escrita objetiva, como se davam as tensões políticas durante o período imperial, bem como as práticas de violência dentro dessas instituições em Teresina. No entanto, ele aborda essas questões de forma sucinta, principalmente ao final das páginas do livro. Ao longo da narrativa, procura apresentar a história da cidade por meio das instituições e dos relatos dos administradores. Com seu estilo objetivo, mantém contato com as documentações oficiais e traça uma linha crítica entre os depoimentos desses sujeitos, demonstrando um distanciamento em relação à historiografia tradicional.

Higino Cícero Cunha (1858-1943), nascido em São José das Cajazeiras (MA), chegou a Teresina por volta da década de 1886. Entre as décadas de 1870 e 1930, consolidou-se como um dos grandes nomes da intelectualidade brasileira, inserido em um contexto em que a política, a sociedade, os costumes e as crenças passavam por profundas transformações. Teresinha Queiroz, em seu artigo “Sobre Política, Ciência e Arte: Higino Cunha e as controvérsias de seu tempo”, destaca que a escrita de Higino Cunha é bastante temática e vasta, interessando-se por questões da natureza e da cultura. Assim como Abdias Neves, ele demonstrava particular predileção pelos estudos das origens e crenças religiosas, especialmente da dogmática cristã.

Ao longo de sua trajetória como bacharel em Direito e homem de letras, Higino Cunha procurou exercer sua escrita como forma de transformar o mundo social, por meio de suas variadas publicações: poesias, relatos de viagens, cartas, biografias, necrológios, críticas literárias, discursos, críticas religiosas, polêmicas religiosas, diatribes políticas, peças jurídicas, pareceres, críticas de arte, crônicas sobre os costumes, discursos maçônicos, conferências, estudos filosóficos e livros sobre temas diversos.

Chegando a Teresina por volta de 1886, Higino Cunha pertencia a uma tradicional família liberal e iniciou sua atuação na imprensa local. Sua escrita, além de diversificada e abrangente, trazia reflexões sobre a intelectualidade na segunda metade do século XIX e início do século XX, inserindo-se numa geração de intelectuais piauienses que se esforçaram para transformar o espaço em que viviam. Teresinha Queiroz menciona que:

[...] um perfil dos bacharéis piauienses nesse período apresenta-os como um grupo de ampla presença social e de inegável envolvimento político. Sua atuação pode ser observada nas mais diversas instâncias: na educação, na imprensa, na política, na administração pública, na justiça, no lazer, na literatura.<sup>60</sup>

Através da citação acima, nota-se a importância que Higino Cunha tinha durante o contexto social em que estava inserido, sua escrita teve início nos jornais políticos e tinha como missão defender as diversas situações no poder político atuando sobretudo em jornais da sociedade piauiense. A escrita do autor sobretudo preencheu as páginas de diversos periódicos. *A imprensa, A Democracia, O Piauí, O Norte, O Monitor, Diário do Piauí, Correio de Teresina, O Nordeste* e na *Revista Mensal*, na *Alvorada*, na *Literericultura* e na *Revista da Academia Piauiense de Letras*.

<sup>60</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3.ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 13.

Higino Cunha, dentro do cenário historiográfico piauiense dedicou-se a produção de uma vasta produção de obras, dentre elas: *O Teatro quatro de setembro* (1923), *Anísio de Abreu, sua vida, sua obra, sua morte* (1920), *História das Religiões no Piauí*, publicada no ano de 1924

A obra *Teatro quatro de setembro*, uma das grandes produções de Higino Cunha inicialmente no qual o autor coloca sua atenção para temática “O teatro em Teresina” foi proferida no teatro 4 de setembro no ano de 1921, e depois publicado em capítulos da imprensa, e no ano de 1932 editado como livro. Nesta obra o memorialista traça sua escrita para as múltiplas representações em torno do teatro desde sua criação até o momento em que se sucede as primeiras manifestações artísticas. No livro o autor menciona como se deu a construção do Teatro e sua importância cultural para a cidade de Teresina. Em sua escrita o Higino Cunha trata sobre os gêneros que ganharam destaque nas peças teatrais, “malogradas” de Licurgo de Paiva e de Luiz Correia de fazerem o teatro na capital piauiense.

No entanto, Higino Cunha ressalta que apesar desses gêneros terem alcançado seu apogeu no século XX ele trata que as primeiras manifestações ocorreram em Teresina no ano de 1852, quando ocorreu a mudança da capital de Oeiras para Teresina. “Vieram para aqui, também, alguns amadores do palco que na velha capital divertiam o público, representado algumas peças”.<sup>61</sup>, onde aconteceram os primeiros espetáculos, por ausência de um espaço próprio. O autor aponta alguns espaços comuns aos espaços com os endereços que aconteciam os endereços; A mais antiga funcionava num prédio, situado a praça da constituição, hoje conhecida como Marechal Deodoro, utilizado depois para escolas de primeiras letras, biblioteca pública e mais tarde para a Assembleia Provincial pertencente a João Isidoro da França. O local é considerado um dos mais antigos prédios onde a vida literária na capital se reunia no século XIX. Daniel Castelo Branco Ciarlini<sup>62</sup> em artigo intitulado “*Higino Cunha e a vida Literária no Piauí entre os séculos XIX e XX*” destaca que no ano de 1852 houve um esforço do presidente da província, João José de Oliveira Junqueira de estruturar o prédio com o argumento de que o teatro era “o primeiro e o mais útil divertimento dos povos civilizados”, sendo assim o prédio transformado ganharia o nome de Teatro de Santa Teresa.

Destaca-se a obra *Anísio de Abreu, sua vida, sua obra, sua morte*, faz parte do campo de escrita de Higino Cunha, o memorialista dedicou-se sua escrita a intelectualidade. No ano de 1918, escreveu uma homenagem a Anísio de Abreu de gênero bibliográfico a obra trata sobre a memória de seu amigo Anísio de Abreu do qual o autor teve bastante contato foi pronunciada na seção solene na sede da Academia Piauiense de Letras, no dia 21 de junho o trabalho foi

---

<sup>61</sup> CUNHA, Higino. O teatro em Teresina. Teresina: Tipografia do Correio do Piauí, 1932.

<sup>62</sup> Professor Adjunto III da Universidade Estadual do Piauí. Coordenador do Núcleo de Estudos em Sociedade, Imprensa e Literatura Piauiense.

publicado pela Papelaria Piauiense em 1920. Na obra o autor tece seu olhar sobre o intelectual Anísio de Abreu constituindo-se um importante sujeito da história do Piauí constituindo aspectos sobre a política, cultura e a intelectualidade piauiense.

Higino Cunha, em suas pesquisas, apesar da escassez de informações sobre Anísio de Abreu, ressalta que “ainda não se pode reunir em volumes as produções do saudoso intelectual, esparsas nas folhas volantes da imprensa periódica”. O autor destaca o relevante trabalho de Anísio, enfatizando que grande parte de suas produções poéticas estava dispersa em diferentes locais, as quais foram posteriormente localizadas na sede do Arquivo Público do Piauí (Casa Anísio Brito). Antes de escrever a biografia de seu amigo, Higino Cunha buscou traçar uma análise sobre a trajetória intelectual e política de Anísio no Piauí.

Dessa forma, Higino Cunha classifica a existência produtiva de Anísio de Abreu, enquanto literato e político, como um marco para o estado. Anísio foi um dos primeiros intelectuais a vivenciar as agitações da Faculdade de Direito do Recife, no que diz respeito às discussões sobre o atraso de Teresina no século XIX. Mesmo assim, Higino Cunha não deixou de mencionar que Anísio levou uma vida literária mais modesta no Liceu de Teresina, especialmente após a morte de seu pai:

Estudando pouco, frequentando as rodas dos intelectuais mais notáveis, especialmente os políticos, discutindo, lendo jornais, recitando versos e discursos, cantando no coro das igrejas e nos salões em festa, nas esquinas das ruas ao som do violão tocado por outrem, em noites luaradas, segundo o gosto do tempo.<sup>63</sup>

Sendo assim, Higino Cunha estudou sobre a vida de grandes homens sobretudo de sua admiração, o autor analisa fatos e a trajetória de vida desses sujeitos dentro de uma conjuntura política.

E, por fim, outra obra que merece atenção é a *História das Religiões no Piauí*, publicada no ano de 1924 um de seus livros mais importantes e de destaque, na escrita dessa obra o autor opta por colocar seu posicionamento crítico sobre a igreja católica expondo suas ideias anticlericais entra em conflito com os fiéis católicos, e pontuando aspectos importantes para o conhecimento da história colonial. Higino Cunha ao expor suas concepções anticlericais formadas na Faculdade de Direito do Recife adota critérios científicos para expor a questão religiosa, a influência e o poder da igreja.<sup>64</sup>

<sup>63</sup> CUNHA, Higino. *Anísio de Abreu: sua obra, sua vida e sua morte*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1920. p. 16

<sup>64</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3.ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 219.

*História das Religiões no Piauí*, recebeu fortes críticas por conta das ideias anticlericais adotadas pelo autor. Foi criticado por sua posição anticlerical direcionada contra a Igreja Católica e ameaçado de excomunhão pelo bispo diocesano local<sup>65</sup>. É importante ressaltar que mesmo Higino Cunha fazendo parte da maçonaria colocava em pauta seus posicionamentos considerados de duplo sentido por muitos literatos. Tendo em vista que o autor colocava suas ideias em volta de figuras políticas, que também pertenciam a ordem maçônica.

Higino Cunha tenta explorar o máximo sobre a história das religiões desde o renascimento até o momento em que se sucede os fatos sobre a independência no Brasil. O autor se debruça sobre a pesquisa histórica até chegar os mais variados aspectos que culminam a história da religião no Piauí ao longo de suas pesquisas o intelectual procura colocar em ênfase sua criticidade sobre o domínio que a igreja tinha sobre o Estado, Higino Cunha no trecho abaixo diz que:

É incontestável que, no Piauí o Brasil, domina a religião católica romana, entre outras confissões religiosas aqui estabelecidas, tendo sido aquela que presidiu ao descobrimento de Cabral e a todo curso da história da nossa pátria, tanto nos tempos coloniais como depois da independência. As caravelas e os galeões portugueses da cruzada oceânica içaram bem alto a cruz do Redentor, eram conquistadores de terras e apóstolos, dilatando a fé e o império. A primeira missa no Brasil, a Companhia de Jesus- Nóbrega, Anchieta e o grande Vieira-art.5º da Constituição monárquica, os templos e as cerimônias deslumbrantes-tudo amolda a alma do nosso povo ao quadro vetusto de credo romano, um dos principais fatores da unidade regional.<sup>66</sup>

Outro intelectual que se destacou na primeira geração foi Abdias da Costa Neves. No período em que iniciou seus estudos, o prédio da Faculdade de Direito do Recife estava em decadência devido a quantidade de matrículas e grande fluxo de estudantes que vinham de outros estados. Abdias Neves, colega de estudos de Miguel Rosa, desenvolve, no Piauí, intensa vida social, política e cultural. Sua produção historiográfica piauiense é uma das mais notáveis destacando obras como *A guerra do Fidié*, de (1907), *Um Manicaca* (1902) no presente estudo serão feitas uma breve análise das duas obras citadas.

A obra *A guerra do Fidié*, de Abdias Neves, através de sua escrita instituinte, dedica a olhar para os fatos que culminaram o evento ocorrido no Norte do Estado no ano de 1822 a 1823. Em sua escrita o autor procura de forma minuciosa alcançar a verdade histórica diante fatos sobre o evento.

<sup>65</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. História, literatura, sociabilidade. 2. ed. Teresina: EDUFPI; Academia Piauiense de Letras, 2015. p. 68.

<sup>66</sup> CUNHA, Higino. *História das religiões no Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.p. 112-113.

Uma das características marcantes do autor era a maneira como conduzia suas pesquisas, especialmente diante de um acervo escasso sobre a participação do Piauí nas lutas pela independência. Até o início do século XX, os escritos sobre o papel do Piauí nesse processo eram bastante limitados, e o autor recorreu à obra *História da independência na província do Maranhão*, de Luís Antônio Vieira da Silva, que se configurava como o principal modelo disponível naquela época. Vieira da Silva fundamentou sua pesquisa na documentação pública existente em São Luís, especialmente nos arquivos produzidos pela junta de governo do Maranhão.

Abdias Neves traz em suas pesquisas um debate importante sobre a construção da identidade piauiense durante o século XIX. O autor adota uma postura crítica em relação aos sujeitos envolvidos no embate, discutindo as ideias de liberdade e patriotismo como motivações para aqueles que lutaram em favor do Piauí nas lutas pela independência. Seu livro foi escrito a partir da cidade de Oeiras, onde se concentrava a maior parte dos documentos disponíveis. A leitura conduz o leitor em uma trajetória que percorre lugares como Oeiras, Marvão, Parnaíba, Campo Maior e Estanhado, oferecendo um panorama dos acontecimentos em prol da causa emancipacionista.

Na obra *A guerra de Fidié*, Abdias Neves constrói uma narrativa que se diferencia da versão oficial brasileira e portuguesa. Em suas produções historiográficas, ele destaca as diferenças entre os brasileiros que lutaram pela libertação do Brasil e os portugueses que buscavam manter os vínculos com Portugal. Apesar da relevância dessas discussões, o autor recebeu críticas de alguns pesquisadores pela maneira como retratou esses sujeitos. Paulo Gutemberg de Carvalho Souza afirma que:

A Postura de Abdias Neves de dicotomizar os conflitos da Independência entre brasileiros e portugueses não o permitiu ver outras clivagens sociais entre fazendeiros e as camadas sociais menos favorecidas e o impediu de perceber outros possíveis interesses ou sentidos em disputas, especialmente aquilo que chamou de ‘tropelias e violências’ perpetradas pelas massas embrutecidas<sup>67</sup>.

Paulo Gutemberg percebe, ao analisar os fatos e documentos utilizados por Abdias Neves, sobretudo em sua escrita, uma forte postura de patriotismo e pertencimento ao território piauiense por parte dos piauienses. Ele afirma que: “Não há, aliás, em toda a luta pela independência no Ceará, nesta província e na do Maranhão, uma página mais pavorosamente grandiosa que a da Batalha do Jenipapo, a mais importante das que foram travadas.”

---

<sup>67</sup> SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 265.

O sentimento de piauiensidade foi decisivo para que muitos piauienses fossem ao campo de batalha derramar sangue em busca da liberdade.

A obra *Um Manicaca*, publicada em 1909, inicia-se com o relato de uma família que chega a Teresina durante a grande seca de 1877. A narrativa centra-se em torno do personagem cearense Pedro Gomes, sua esposa e sua filha Júlia, ainda criança. A família, pobre e sem perspectivas de sobrevivência, consegue se estabelecer até o falecimento da esposa de Pedro Gomes. A partir daí, o pai assume sozinho a responsabilidade de cuidar da filha.

Após a morte da esposa, *Um Manicaca* acompanha as tensões na vida de Pedro Gomes e de Júlia, que ao completar 18 anos deseja casar-se segundo os moldes ideológicos determinados pelo pai. Movida por sentimentalismo, Júlia relaciona-se com Luís Borge, um rapaz oposto ao perfil que Pedro Gomes desejava: um homem com boas condições econômicas. Furioso e temeroso de que se divulgasse que “a filha prostituíra-se”, Pedro Gomes buscou um pretendente alinhado aos seus interesses para Júlia. O escolhido foi Antônio de Araújo, um homem de trinta e três anos, doente, magro, exalando cheiro de remédios, aparentando muito mais idade. Viúvo, com uma filha pequena, era também, segundo o texto, “moralmente um tipo sugestível, vencido pela febre das riquezas.”

Abdias Neves utiliza *Um Manicaca* para criticar a falta de domínio e autoridade que o homem deveria exercer sobre a mulher e o lar. Na narrativa central, o autor insere de forma paralela sua missão político-pedagógica, abordando temas como o anticlericalismo, o papel social da mulher, a dinâmica familiar e a importância da ciência. Ao longo do livro, ele amplia seu foco para além dos personagens principais, enfatizando aspectos do cotidiano teresinense, a moral religiosa, os casamentos arranjados e as práticas e influências políticas vigentes.

Na obra, Abdias Neves deixa explícito seu ponto de vista sobre o casamento e o comportamento esperado da mulher em relação ao marido. Essa opinião está centrada na trajetória do personagem Praxedes, que representa a visão idealizada da vida conjugal. O autor enfatiza que:

Na vida doméstica não são as ideias da esposa que devem predominar, são as do marido. Este é mais culto, em geral mais talentoso, mais experiente [...]. O casamento não deve ser somente uma comunhão de bens, deve ser também uma comunhão de ideias. Não conheço desrespeito maior que uma mulher fanática ao lado de um homem de ciência, de um espírito emancipado. Ele tem, não digo o direito, digo a obrigação de dirigi-la, de encaminhá-la como a encaminha em todos os atos da vida, desde a escolha de suas relações até o modo de educar os filhos.<sup>68</sup>

Na fala de Abdias Neves, assim como na concepção de muitos homens conservadores da época, a mulher era vista como incapaz e sem autonomia para resolver os problemas familiares.

---

<sup>68</sup> NEVES, Abdias, 1895, p. 184.

Em sua escrita, ele atribui ao homem a capacidade e o direito de conduzir a mulher em seus afazeres domésticos. Contudo, Abdias Neves também enfatiza que o casamento não deve se basear apenas em interesses materiais, mas sim em uma parceria fundamentada em ideias e valores mútuos.

Este estudo, em sequência, contempla uma análise da vida intelectual de Joaquim Chaves no campo da escrita piauiense, examinando o contexto em que o historiador e padre decidiu contribuir para as pesquisas referentes à história do Piauí.



#### 4. JOAQUIM CHAVES: HISTORIADOR DO POVO

Neste capítulo, será abordada a trajetória de Joaquim Chaves enquanto historiador e sua relevante contribuição para a escrita histórica piauiense. A proposta consiste em realizar uma análise dos sujeitos presentes em suas pesquisas, bem como do tipo de documentos utilizados pelo autor na produção de seus textos.

Além disso, serão observadas suas principais produções historiográficas, entre as quais destacam-se: Participação do Piauí nas Lutas da Independência, Teresina Subsídios: Para História do Piauí, Campo Maior: Luta pela Independência, O Índio no Solo Piauiense (1953), A Escravidão no Piauí (1971), O Piauí na Guerra do Paraguai, Apontamentos Biográficos e outras obras.

Para a construção e fundamentação teórica deste capítulo, utilizaremos A Escrita da História (1982), especialmente o capítulo “Prática Escriturística” de Michel de Certeau, além das obras de Joaquim Chaves já mencionadas anteriormente.

##### 4.1 Joaquim Chaves e o ofício de historiador

Joaquim Chaves dedicou grande parte de sua vida ao sacerdócio, contudo no decorrer de seu percurso configurou-se também como um dos principais intelectuais da história do Piauí. Formou-se em Filosofia e exerceu a profissão de professor em escolas de instrução católicas em Teresina e simultaneamente contribuía com suas pesquisas para os principais centros de pesquisa cultural.

O encanto de Padre Chaves pelos estudos históricos possui raízes que se voltam ainda para sua juventude, sendo a História responsável por atribuir novamente um sentido, a sua vida após um momento conflituoso vivenciado por ele acerca da sua fé. Segundo ele, encontrar-se em meio as pesquisas históricas foi o que aliviou a confusão mental que o envolvia, conferindo novamente um sentido a sua vida e o reaproximado de Deus: “[...] Eu estava nesta confusão mental, sem acreditar em nada, sem achar um rumo, quando comecei a me interessar pelas pesquisas históricas [...]”<sup>69</sup>

O ofício de Chaves, enquanto historiador, deu-se sem fundamentação acadêmica, seu papel como historiador se deu através de suas relações sociais sobretudo com fiéis da Igreja do Amparo, o que motivou a debruçá-lo sobre as pesquisas históricas. Em suma, a figura de Joaquim Chaves como historiador piauiense se desenvolve por ocasião do centenário de Teresina, em 1952, ano em que se celebrava também o centenário da Igreja do Amparo. Nos

---

<sup>69</sup> ENTREVISTA Monsenhor Chaves. Presença. Teresina; ano 21, n. 35, 1º semestre de 2006.

preparativos para esta grande festa, tendo em vista a importância da instituição para a história e para o povo piauiense.<sup>70</sup>

Monsenhor Chaves contribuiu para a pesquisa história do Piauí escreveu um livro sobre Teresina em gratidão ao acolhimento que recebia de seus fiéis e pelo amor que tinha em servir a igreja do Amparo. Monsenhor Chaves dedicou-se intensamente as pesquisas no Arquivo Público de Teresina. Por conseguinte, no ano de 1952 publicou sua primeira obra: *Teresina: Subsídios para história do Piauí*<sup>71</sup>. Em entrevista publicada pela revista *Presença* em 2006 o religioso relembra o momento:

Em retribuição aquela generosidade do povo de Teresina, resolvi escrever um livro sobre a cidade e me dediquei à pesquisa no Arquivo. Publiquei “Teresina: subsídios para a história do Piauí”, o primeiro livro que lancei. Foi publicado pelo doutor João Mendes Olímpio de Melo, que era o prefeito. Então tomei gosto pela coisa e não deixei mais a pesquisa. Saíram outros livros depois.<sup>72</sup>

Desse modo, através do relato acima nota-se que Joaquim Chaves em sua primeira publicação sobre a capital piauiense foi o que lhe despertou o interesse pela pesquisa histórica. Sendo assim o que contribuiu para que Chaves escrevesse mais obras referente a história do Piauí se consolidando um dos maiores historiadores da historiografia local.

De acordo com Moura<sup>73</sup>, entre 1963 a 1965, a Academia Piauiense de Letras empossou novos historiadores em seu quadro de imortais. Dentre os eleitos, Joaquim Chaves ocupou a cadeira de nº 23. Vaga deixada em aberto devido ao falecimento da poetisa e romancista Amélia Beviláqua<sup>74</sup>. Ao receber a homenagem Monsenhor Chaves relata que:

Se há momento que já jamais pensei teria de viver, entre vendo o futuro, sem dúvida alguma é este em que vos falo. Imaginar que um dia, por eleição, me veria assentado no meio de vós, se me afigurava temeridade tamanha que nem a vaidade, nem a ambição, nem as loucuras da fantasia, que sempre soem pôr a meta dos nossos desejos muito além da nossa capacidade, jamais conseguiram cegar a tal ponto a minha insuficiência. Quando a demasia de vossa liberalidade me surpreendeu, elevando-me ao vosso altíssimo convívio e distinta companhia, se não me afastei horrorizado ante o meu reconhecido demérito e a vossa generosidade foi porque, no meu aturdimento não encontrei

<sup>70</sup> SILVA, Kamila Vytória Santos e. In. Teresinha Queiroz. As múltiplas expressões de uma trajetória: A participação de Joaquim Raimundo Ferreira Chaves na trama intelectual piauiense da segunda metade do século XX

<sup>71</sup> CHAVES, Joaquim (Pe). Teresina: Subsídios para a história do Piauí. Teresina: [s.n.], 1952

<sup>72</sup> ENTREVISTA, op. Cit., 2006.

<sup>73</sup> MOURA, Op. Cit, 2015, p. 117.

<sup>74</sup> Nascida em Jerumenha, região ao Sul do Piauí, há exatos 164 anos, Amélia Carolina de Freitas Beviláqua, primeira ocupante da cadeira nº 23, da Academia Piauiense de Letras, foi a primeira mulher a se candidatar a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1930.

energia bastante para uma deliberação razoável e prudente. Recusar seria também faltar ao respeito devido ao tino das vossas resoluções. Nas vossas mãos deponho a expressão do meu mais profundo reconhecimento pela distinção que me liberalizaste.<sup>75</sup>

Mesmo surpreso com o convite, Joaquim Chaves comprometeu-se a fazer parte do órgão máximo das letras.<sup>76</sup> Fez seu papel enquanto membro escrevendo artigos históricos para a *Revista da Academia Piauiense de Letras*, atuou como bibliotecário da APL, elaborou discursos de recepção para receber os novos acadêmicos e principalmente, publicou suas pesquisas sobre a História do Piauí.

Padre Chaves possuía formação em teologia o que contribuiu para tornar-se um historiador por meio de sua percepção ligada inteiramente as emoções e as dores dos populares. Voltou seu olhar e suas pesquisas para as classes subalternas, roceiros, mulheres, crianças, vaqueiros. Trabalhando em suas pesquisas de forma mais abrangente em suas falas ele pontua a importância desses sujeitos do povo. Em seu discurso de posse à Casa de Lucídio Freitas relata que:

O homem, porque conquistador voluntarioso e brutal, pode destruir muito e encher todas as páginas da História com os seus vandalismos gloriosos. Mas a mulher a mulher, depositária da tradição, em contato imediato com fome, o sofrimento, a doença, compreende duma forma muito mais sintética e profunda o mistério da vida. Por isso quando se trata de educar a criança, de velar o enfermo, de cuidar do ferido, de acarinhar o velho, de organizar o lar, de valer os infelizes, onde o homem naufraga, se afasta ou se abstém, a mulher triunfa completamente. E isso não somente [...] porque ela tem mais ternura e mais intuição. [...] Para triunfar nas tarefas difíceis de que falamos, é preciso uma inteligência sintética, uma prodigiosa capacidade de apreender rapidamente todo um conjunto de elementos, não através de teorias, mas imediatamente na própria vida. Um exame objetivo corrigiu, desde há 50 anos, as conclusões precipitadas e gratuitas dos primeiros evolucionistas e dos velhos clássicos sobre a mentalidade da criança, do primitivo e da mulher. Já não se consideram como atrasados ou inferiores, mas reconhece-se neles uma faculdade de síntese original, muito próxima do real.<sup>77</sup>

Compreende-se que a escrita de Joaquim Chaves partia de um olhar mais amplo voltado para as mais diversas camadas sociais. O autor conferia em seus textos uma linguagem simples em que envolve o leitor em seus textos com os fatos que são discutidos. Assim, seus trabalhos são dirigidos tanto a seus pares no ofício historiográfico quanto a um “público não

<sup>75</sup> CHAVES, Joaquim (Mons.). Discurso do acadêmico Mons. Joaquim Chaves por ocasião de seu acesso à Casa de Lucídio Freitas. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 48, n. 22, p. 5, 1965.

<sup>76</sup> MOURA, 2015, p. 117.

<sup>77</sup> CHAVES, Joaquim (Mons.). Discurso do acadêmico Mons. Joaquim Chaves por ocasião de seu acesso à Casa de Lucídio Freitas. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 48, n. 22, p. 9, 1965.

necessariamente iniciado na cultura historiográfica e agrega o cuidado de cativar o leitor, seduzindo-o inclusive a compartilhar de suas, às vezes, mordazes e irreverentes opiniões e observações”.<sup>78</sup>

Ainda nesse contexto em que Joaquim Chaves desenvolve o ofício de historiador, é necessário ressaltar os espaços de atuação em que ele estava inserido o que colaborou para a produção de suas vastas produções em livros, jornais e revistas.

A escrita histórica- ou historiadora permanece controlada pelas práticas das quais resulta; bem mais que isto, ela própria é uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado, redistribuindo o espaço das referências simbólicas e impondo, assim, uma “lição”; ela é didática e magisterial.<sup>79</sup>

A citação acima enfatiza que a escrita histórica é mais que uma prática individual do historiador ela é influenciada pelo meio social sendo assim uma prática coletiva e moldada pelas instituições e a sociedade. Destaca-se dentro do meio social e da escrita de Chaves a Secretaria de Cultura do Estado do Piauí fundada em 1973 e o CEP do qual o Joaquim Chaves se beneficiou por suas produções, uma das mais importantes instituições culturais e canais de divulgação e espaço de atuação de intelectuais piauienses.

Ainda em 1973, a Secretaria de Cultura fundou a *Revista Presença*. A revista tinha como principal objetivo trazer artigos diversos, com diferentes temáticas, dentre elas; Literatura, história, educação, imprensa, ecologia, arqueologia, atividades artísticas, humor, religiosidade e outros. Dentre trabalhos publicados pela revista, é importante destacar que o segundo número de artigos tratava sobre a participação do Piauí no processo de Independência. Desse modo torna-se necessário da ênfase ao campo historiográfico produzido por Chaves.

#### 4.2 A contribuição de Joaquim Chaves para escrita histórica piauiense

Destaque-se a obra *Participação do Piauí nas Lutas da Independência*, que tem como foco a atuação dos roceiros, vaqueiros e das pessoas comuns que participaram ativamente da Batalha do Jenipapo, ressaltando a importância dos populares nesse episódio dramático da história do Brasil. A obra nasce do sentimento de indignação de Joaquim Chaves diante do silêncio sobre a participação do Piauí nas lutas pela independência, sendo esta uma de suas temáticas preferidas. O autor justifica sua abordagem ao afirmar: “[...] era preciso sanar uma injustiça histórica e destruir o véu de silêncio propositadamente levantado sobre a Batalha do

<sup>78</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Historiografia piauiense. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz. *Do singular ao plural*. 2 ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

<sup>79</sup> CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 57.

Jenipapo e a garra dos piauienses nas lutas pela independência do Brasil”. Com este livro, Monsenhor Chaves filia-se à tradição historiográfica piauiense, que, ao longo do século XX, realçou a temática da independência, destacando-se nomes como Abdias Neves, Odilon Nunes e Wilson de Andrade Brandão.

Joaquim Chaves sentia uma grande necessidade de divulgar esses acontecimentos que se deram em Campo Maior, sua terra natal. Ele declara que “não há na história da independência uma página mais épica, mais emocionante do que a que escreveram, com sangue e bravura, aqueles homens, no dia 13 de março de 1823, nas margens do Jenipapo”. O autor aborda, ainda, a exclusão dos grupos populares no combate às margens do riacho Jenipapo e ressalta a importância do Piauí nas lutas pela independência.

Na obra *Teresina: Subsídios para História do Piauí*, publicada em 1952 pela Prefeitura Municipal de Teresina, Joaquim Chaves apresenta um retrato da cidade em seus primeiros cinquenta anos de existência. Para tanto, utiliza basicamente jornais teresinenses como fontes históricas. Contudo, devido à sua inexperience no campo historiográfico, o autor não especifica a documentação utilizada para a elaboração da obra. A narrativa não segue uma ordem cronológica rígida, alternando entre aspectos do período monárquico e republicano. Essa flexibilidade confere à escrita uma leveza e simplicidade, que por vezes se tornam críticas e irreverentes ao abordar as práticas cotidianas em Teresina.

Na obra, Chaves analisa a transferência da capital de Oeiras para Vila Nova do Poti, que em 1852 foi transformada na cidade de Teresina. O autor pontua os motivos da mudança, assim como as dificuldades enfrentadas pela população nos primeiros anos da nova capital. Destaca ainda questões como segurança, ensino primário e secundário, saúde, festas e bailes. Ao longo do texto, Joaquim Chaves revela grande interesse pela vida cultural e social da cidade em sua fase inicial de urbanização. Politicamente, ele aborda Teresina sob o viés dos governantes da época, que procuravam moldar a imagem do Estado do Piauí como pobre, atrasado e vitimado pela ausência de políticas públicas.

Por fim, ao concluir a obra, Chaves destaca a participação da capital teresinense em diversos eventos históricos, como a Questão Christie (1863), a Guerra do Paraguai (1865), a luta pela abolição da escravidão (1888), a Proclamação da República (1889), a Revolução Federalista (1893) e a Guerra de Canudos (1897). Para cada uma dessas temáticas, o historiador desenvolveu uma análise detalhada. Em entrevista, ele ressaltou sua satisfação pela produção historiográfica realizada:

[...] porque gostava daquilo e achava que a história do Piauí não tinha sido toda escrita. Muitas passagens da nossa história precisavam ser conhecidas. Mesmo com a contribuição dos antigos, como Abdias Neves, Clodoaldo

Freitas e outros, não havia quase estudos. Eu entrei e não me dei mal, gostei muito.<sup>80</sup>

No conjunto da produção histórica de Joaquim Chaves, destaca-se também a monografia *O índio no solo piauiense* (1953) publicada pelo Centro de Estudos Piauienses (CEP)<sup>81</sup>. No mesmo ano a obra foi reeditada pelo CEP e contou com o apoio de Odilon Nunes. O autor na produção dessa pesquisa aborda as fontes históricas utilizadas, isto é, o corpus bibliográfico e primário, documentação inédita da estante da capitania do Piauí, localizada no Arquivo Público do Estado.<sup>82</sup> Ao fazer uma avaliação da sua própria trajetória como pesquisador sobretudo da história do Piauí Joaquim Chaves afirma que:

No princípio eu agi como fraco-atirador. Eu não tinha nenhuma experiência nas primeiras pesquisas. Depois, o professor Santana organizou um grupo de intelectuais para fazer estudos sobre o Piauí e me convidou. Decidi entrar também. Do grupo participava o professor Odilon Nunes, que me ensinou muito, me ajudou muito. Então aprendi a fazer um trabalho mais técnico. Mas nunca me considerei um historiador. Sou um amador...<sup>83</sup>

A obra de Joaquim Chaves ganha destaque por trazer uma abordagem para as minorias marginalizadas. O autor de início faz uma breve análise do Piauí como forma de migração e quais eram as etnias indígenas que estavam em solo piauiense. Ademais no decorrer de sua escrita ele aborda sob diferentes perspectivas o processo de exploração e escravidão que os povos indígenas foram submetidos no território piauiense.

Para compreender a narrativa sobre o *índio no solo piauiense*, é importante frisar o lugar e o contexto de produção que a obra foi escrita. Segundo Le Goff “a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os *documentos* e os *monumentos*”.<sup>84</sup> fundamentados na discussão de que todo documento é um monumento, que é um instrumento de poder, que o documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso.

Em sua narrativa sobre a referida obra, os indígenas são mencionados como sujeitos do passado os documentos utilizados por Padre Chaves, por vezes documentos oficiais, ou pelo menos de homens ligados a postos oficiais, confirmam suas queixas referentes a perseguição e extinção dos povos indígenas. “Os primeiros governos do Piauí forjaram o extermínio dos

<sup>80</sup> ENTREVISTA Monsenhor Chaves. *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano 10, n. 27, p.28-29, dez. 1997.

<sup>81</sup> O Centro de Estudos Piauiense foi criado em Campo Maior (PI), no início da década de 1950, sob a iniciativa de Raimundo Santana e Olímpio Castro, contando com a colaboração de outros intelectuais como Artur Passos, Odilon Nunes e Pe. Joaquim Chaves. O Centro de pesquisas durou apenas até a década de 1960.

<sup>82</sup> MOURA, Op. Cit, p. 60

<sup>83</sup> ENTREVISTA Monsenhor Chaves. *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano 10, n. 27, dez. 1997. p. 28

<sup>84</sup> LE GOFF. Jacques. *História e Memória*. In: Documento/Monumento. Unicamp. São Paulo- Campinas, 1990, p. 461.

nativos: perseguiram, tomaram suas terras, torturaram e mataram os indígenas, por fim exterminaram sob o signo da escrita ocidental”.<sup>85</sup>

O início da perseguição contra os índios do Piauí remete ao fim do século XVII. Por volta de 1674, as primeiras bandeiras à procura de índios rebelados do vale do São Francisco, de metais preciosos, terras férteis e mão de obra escrava chegam ao Piauí. Duas bandeiras merecem destaque, uma bandeira paulista comandada por Domingos Jorge Velho, e outra forjada pela Casa da Torre dos Dias Ávila, a bandeira baiana ficou sob comando de Domingos Afonso Mafrense, conhecido como Domingos Sertão.

Esta configuração determinou, sem dúvida, a transformação deste vasto território num corredor de migração para as tribos selvagens, que se deslocavam da bacia do S. Francisco e do litoral nordestino para a bacia do Amazonas e vice-versa. [...] Tupis, Tapuias e Caraíbas, em guerras e contínuas migrações, pisam o solo piauiense cruzando os dois sentidos.<sup>86</sup>

Através do exposto acima, nota-se que o solo piauiense havia a presença massiva dos povos indígenas, mesmo diante da negação por partes das autoridades sobre a existência desses povos no Piauí. Chaves aponta em sua escrita os vários episódios, destacando a forma violenta que os índios eram mortos e torturados relata que:

Os selvagens foram surpreendidos nalgum ponto da costa, do lado do Piauí, e facilmente desbaratados. Mas o branco civilizado enodou a vitória com um ato repugnante de selvageria: consentiu que os índios aliados exterminassem brutalmente as criancinhas tremembés aprisionadas. É o próprio Governador, Inácio Coelho da Silva, que relata o nefando crime, em carta para o príncipe regente: Os índios aliados, travando das criancinhas pelos pés mataram-nas cruelmente, dando-lhes com as cabecinhas pelos troncos das árvores, e de uma maloca, de mais de 300 só escaparam 37 inocentes.<sup>87</sup>

Joaquim Chaves foi um dos primeiros historiadores a ressaltar a importância dos povos originários para a construção da identidade nacional, procurava denunciar os abusos e as formas de dominação que o homem branco exercia sobre a população indígena. Na obra o autor descreve todo processo de sofrimento das tribos presentes no Piauí, destacando as diferentes formas de opressão pelos governantes. Chaves avalia que essas populações indígenas eram:

<sup>85</sup> ASSIS, Rafael da Silva. *Os índios do Território Serra Capivara: história, memória e ensino*. Dissertação (Mestrado) Profissional em Ensino de História. Universidade Federal do Tocantins- Campus Universitário de Araguaína, 2016, p. 28.

<sup>86</sup> CHAVES, Joaquim. *O índio no solo piauiense*. Publicação Centro de Estudos Piauienses, 1953. p. 7.

<sup>87</sup> CHAVES, Joaquim. *O índio no Solo Piauiense*. Publicação Centro de Estudos Piauienses, 1953, p. 20.

[...] pobres vítimas de um choque de culturas. Amando em extremo a sua liberdade, reagiram violentamente quando perceberam a intenção de escravizá-los. Para desagravarem aquilo que supunham ser a sua honra ofendida pelo injusto agressor, agrediram e cometeram inúmeras atrocidades. Mas, porventura, teriam sido maiores e mais requintadas do que as que sofreram por parte de seu corredor, o branco civilizado? A história diz que não. Sem terem uma noção do direito de propriedade, tal como a entendiam os brancos, matavam para comer algumas reses que apanhavam no mato. [...] Por isso eram caçados como ladrões para os quais não havia cadeia, porque havia coisa mais prática e sumária: o espingardeamento, pura e simplesmente.<sup>88</sup>

Por fim, o padre/historiador Joaquim Chaves destaca minuciosamente sobre a existência das tribos e sua localização. *O índio no solo piauiense* é considerado uma das principais fontes de narrativa piauiense sobre a existência dos povos indígenas e lança um olhar sobre esses povos que em sua maioria foram exterminados pelos colonizadores. Portanto o interesse do autor é homenagear a resistência dessas etnias. “Rendamos, pois, sincera homenagem à bravura inextinguível dos nossos índios, interessando-nos mais vivamente pela sua história, que é o princípio de nossa história”.<sup>89</sup>

O pesquisador chama atenção dos leitores, pesquisadores e historiadores para pesquisas mais aprofundadas pois há muita documentação abandonada principalmente em São Raimundo Nonato-PI.

*Campo Maior luta pela independência*<sup>90</sup>: A Batalha do Jenipapo, foi uma obra organizada pelos *Cadernos Históricos* o autor se debruçou sobre as fontes e documentos da Casa Anísio Brito e parte para análise dos antecedentes da Batalha do Jenipapo a situação da vila de Campo Maior antes do confronto destaca a participação de Lourenço de Araújo Barbosa e Simplicio José da Silva. Ao tempo em que reduz o espaço e o tema, expande os efeitos dos acontecimentos para a dimensão nacional, apontando para os significados da batalha<sup>91</sup>. Realça o contexto antes e depois do evento, mostrando a ebulição e a movimentação dos povos em torno da ideia de independência. O medo por parte da população campomaiorense e as atrocidades como roubos, mortes e falta de segurança na vila após o confronto sangrento. Chaves diz que:

Quando se deu a derrota, os patriotas, em retirada, levaram o pânico aos habitantes da vila. Com a notícia de que Fidié se aproximava vitorioso,

<sup>88</sup> CHAVES, Joaquim (Mons). *Obra Completa*. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2005. p. 138.

<sup>89</sup> CHAVES, Monsenhor. *O índio no solo piauiense* In: *Obra completa*. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. P 30.

<sup>90</sup> CHAVES, Joaquim (Mons.). *Campo Maior Luta pela independência: a Batalha do Jenipapo*. Teresina: [s.n.], 1971.

<sup>91</sup> QUEIROZ, Teresinha. A história da Independência no Piauí: Das escritas instituintes aos revisionismos, das versões modernas às celebrações. *Humana Res*, v. 1, n. 5, 2022, ISSN: 2675-3901 p. 74, jan. ago. 2022



fecharam-se as casas precipitadamente. Mulheres e crianças, num choro angustioso, corria, atarantadas, pelas ruas, procurando saber dos fugitivos o que acontecera aos seus entes queridos que não haviam voltado. As famílias, deixando suas casas e tudo o que possuíam, fugiam para os matos. Dentro da vila era o caos.<sup>92</sup>

Em 1970, no auge de sua produção histórica, Joaquim Chaves foi patrocinado pelo governador Alberto Silva<sup>93</sup> para viajar pelas cidades de Recife e Brasília com o objetivo de realizar conferências sobre a participação do Piauí na emancipação política do Brasil<sup>94</sup>. Ele relembra: “Certa feita, o Santana [leia-se prof. Raimundo Santana] me levou a Brasília para falar sobre a história do Piauí para os professores e estudantes da capital da República. Não sei se tenho essa importância que me atribuem. Procurei apenas fazer a minha parte”<sup>95</sup>.

Gradativamente, o historiador ganhou destaque entre os seus contemporâneos e na escrita piauiense. Era considerado um intelectual por muitos estudiosos. Mesmo em diversas circunstâncias, Chaves manteve a modéstia. Para Arimathéa Tito Filho ele era:

[...] persistente, sustentado pela capacidade de observar, e desse esforço surgiram escritos de valor, úteis, honestos, rico patrimônio para repasto dos estudiosos. [...]. As lições dos seus livros constituem em fontes seguras para conhecimento de variado aspecto da história do Piauí, - que ele expõe e analisa com o critério. Oferece estilo plástico, prosa ágil, sabe reviver o passado e os homens que o constituíram, e os crítico de forma imparcial e cuidadosa. De mim, julgo o historiador sereno, hábil, metódico, às vezes irreverente, apoiado todas às vezes sobre invulgar capacidade de discernir e interpretar.<sup>96</sup>

O livro *A Escravidão no Piauí* (1971)<sup>97</sup>, a primeira obra dedicada exclusivamente ao tema historiografia piauiense o autor desenvolve sua escrita denunciando os abusos e os castigos da população negra durante o processo de colonização no Piauí. A escravidão no Piauí se deu com a chegada dos exploradores Domingos Mafrense e dos Garcia d'Ávila trazendo consigo o negro escravizado consolidando-o como um braço laboral para o trabalho no intenso comércio de bovinos. Durante muito tempo, acreditou-se que a escravidão era incompatível com o sistema econômico da região, sendo considerada forma de trabalho inútil para a labuta com o gado bovino.<sup>98</sup>

<sup>92</sup> CHAVES, op. Cit. 154

<sup>93</sup> Alberto Silva nasceu em Parnaíba, no Piauí. Foi duas vezes prefeito da sua cidade natal e também governador do Estado por duas vezes e teve dois mandatos de senador e outros dois de deputado federal pelo PMDB. Ele era o atual presidente do PMDB do Piauí e nesta legislatura era titular da Comissão de Viação e Transportes.

<sup>94</sup> Moura, Iara. *Historiografia Piauiense*, 2015. p. 211

<sup>95</sup> ENTREVISTA Monsenhor Chaves. *Presença*. Teresina, ano 21, n.35, 1º semestre de 2006, p. 34.

<sup>96</sup> TITO FILHO, Arimathéa. Padre Chaves. *Presença*. Teresina, ano 7, n. 15, jul./out.1985. [s. p.].

<sup>97</sup> CHAVES, Joaquim Ferreira. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

<sup>98</sup> SILVA, Rodrigo Caetano. *A historiografia piauiense acerca da escravidão no Brasil (Séculos XVIII-XIX)*. *Rev. Hist. UEG - Anápolis*, v.4, n.1, p. 172-197, jan./jun. 2015. Universidade Federal do Piauí, p. 172.

Em muitos escritos os negros aparecem ignorados ou como um objeto desprezível em nossa história, havia outros personagens discretamente referenciados em alguns escritos. Eles aparecem nas propriedades labutando, como decantado em relatos, de sol a sol, ao lado de fazendeiros. Trabalhadores negros (escravizados e libertos), índios, brancos e mestiços de múltiplas qualidades haviam cruzado o São Francisco vigiando rebanhos e penetrado os sertões para serem vaqueiros e roceiros<sup>99</sup>.

Na década de 1970, Joaquim Chaves chama a atenção para olhar para história debaixo, ou seja, para as classes subalternas os trabalhadores forçados ao trabalho análogo a escravidão. Em “Vaqueiros e roceiros”, Monsenhor Chaves propõe a reescrita da história do Piauí tendo como referência o povo, o pobre; e provoca a história e os historiadores para limpar o passado e o futuro das visões distorcidas do tradicionalismo<sup>100</sup>.

Joaquim Chaves ressalta que houve duas fases distintas que trata sobre os castigos do negro escravizado no Piauí. A primeira fase é considerada os castigos mais violentos e mais fortes, com o abandono dos doentes e dos velhos. Esta fase contempla todo o período colonial alongando-se pelos começos do Império em anúncios da imprensa era retratado a fuga dos negros fugidos<sup>101</sup>. No decorrer do livro sobretudo no segundo capítulo *A escravidão no Piauí* o autor trabalha a fuga de escravos e escravas como forma de resistência para a opressão dos grandes fazendeiros Padre Chaves relata que:

Em 1848 fugiu uma mulata de nome Maria Isabel, idade de 40 anos pouco mais ou menos, dos sinais abaixo declarados, e conduzindo consigo uma cabrinha, com 6 meses pouco mais ou menos, ainda pagã, tendo esta uma cabeça grande, olhos grandes e arregalados, nariz chato. Os sinais da mulata são os seguintes: cabelos crespos, um tanto miúda, testa estreita, porém com as entradas largas, as pontas das orelhas grossas e um tanto desapregadas, olhos pequenos e fundos, maçãs altas, nariz pequeno e grosso, beijos grossos e arroxeados, boca regular, pescoço curto e fino para o corpo (é gorda), cangote pelado. Nas costas abaixo do talho da camisa tem um pequeno sinal de relho. Sobre um dos peitos tem dois sinais: um redondo, de fogo, outro comprido sendo este de relho. Numa das mãos o dedo fura bolo tem uma rachada ao comprido. A dentadura de cima quase toda podre. E com falta de alguns dentes. As pernas grossas e até juntas. Pés grandes e chatos. Os dedos grandes dos pés são menores que os companheiros. E se já não apagaram, terá alguns sinais de relho nas nádegas. Para o tempo, pode ter mais alguma cria. É também tecelona e rendeira.<sup>102</sup>

<sup>99</sup> LIMA, Solimar Oliveira. *A escravidão e seu legado historiográfico no Piauí*. Revista História & Luta de Classes. 2017, p. 124.

<sup>100</sup> LIMA, Solimar Oliveira, op. cit, p. 124.

<sup>101</sup> CHAVES, 1998, p. 190.

<sup>102</sup> CHAVES, Monsenhor. *A escravidão no Piauí*. Cadernos Históricos, p. 190.

Na segunda fase, o autor descreve a escravidão como menos árdua e violenta, com relação ao tratamento dos escravos devido algumas leis de proteção que foram aplicadas a partir de 1850 para cumprimentos da legislação de 1831 que extinguiu o tráfico negreiro no Brasil<sup>103</sup>. Todavia, o autor ainda ressalta que essa segunda fase não foi menos agressiva contra a população negra no Piauí o que pode ser observado no trecho abaixo:

Escravo fugido – Fugiu no dia 8 de outubro de 1860 um mulato de nome Francisco, Macilento, tem pouca barba, espadaúdo; levou calça e camisa de algodão azul. Tendo furtado uma porção de roupa, pode usar camisa de mandapolão fina com pregas, calça de brim branco. Tem como distintivo a orelha esquerda rasgada e com um taco tirado<sup>104</sup>.

As fugas de escravos e escravas podem ser compreendidas como uma forma de resistir a mão-de-obra exploratória no Piauí. Tais fugas eram realizadas individualmente ou em pequenos grupos com objetivo de cessar os maus-tratos a que eram submetidos pelos proprietários.

A obra *O Piauí na guerra do Paraguai*<sup>105</sup> Joaquim Chaves utiliza, suas principais referências através de jornais do período, como *A Imprensa*, *A Pátria*, *Liga e Progresso*, *O Amigo do Povo*, *O Piauí*, que durante o contexto da guerra foram veículos importantes para divulgar o combate no Paraguai, além de diversas fontes primárias que incluem avulsos e códices.

O autor procurou registrar os acontecimentos ainda sobre os decretos formulados no decorrer da guerra para a arregimentação das tropas, sobre os atos da presidência da província e nos mostra os primeiros corpos arregimentados que seguiram para a guerra<sup>106</sup>. Monsenhor Chaves, procurou investigar o nome dos piauienses que participaram do combate e patentes dos piauienses que seguiram para os campos de batalha, muito preocupado inclusive em rastrear através dos documentos os locais onde os soldados da província combatiam, tomando como referência os três batalhões da província que seguiram para a guerra<sup>107</sup>.

Localizar os piauienses nos campos avançados de treinamento do Exército é tarefa impossível, pois à proporção que se formavam para adestramento seguiam para as linhas de frente, onde morreram, aos milhares, de ferimentos recebidos na luta e também de doenças ali contraídas. Combateram em todas

<sup>103</sup> CHAVES. 1998, p. 191.

<sup>104</sup> CHAVES, Monsenhor. *A escravidão no Piauí*. Cadernos Históricos, p.191.

<sup>105</sup> CHAVES, Joaquim (Pe.). *O Piauí na guerra do Paraguai*. Teresina: [s.n], 1971. (Cadernos Históricos 4).

<sup>106</sup> ARAÚJO, Johny Santana. Guerra do Paraguai na Historiografia nacional e regional: Um paradigma de pesquisa histórica no Piauí. Revista FSA, Teresina, v. 10, n. 2, art. 11, pp. 178-194, Abr./Jun. 2013.

<sup>107</sup> ARAÚJO, Johny Santana. Guerra do Paraguai na Historiografia nacional e regional: Um paradigma de pesquisa histórica no Piauí, Revista FSA, Teresina, v. 10, n. 2, art. 11, pp. 178-194, Abr./Jun. 2013. p. 191.

as frentes, começando pelos campos de Uruguaiana invadidos pelo inimigo, até a campanha das Cordilheiras.<sup>108</sup>

Na obra completa, especialmente no capítulo quatro, Joaquim Chaves dedica sua escrita ao tema O Piauí na Guerra do Paraguai, enfatizando a análise crítica dos documentos como fontes primárias para sua pesquisa: “Como já devem ter notado, nos meus Cadernos históricos eu prefiro sempre que falem os documentos.”

O autor aborda os antecedentes e os principais fatos relacionados à guerra, destacando a participação dos piauienses, que em sua maioria foram convocados à força para completar o contingente de soldados disponíveis. Além disso, Chaves ressalta o sentimento de patriotismo que os motivava, assim como a violência presente no conflito.

Ainda nesse contexto, Chaves destaca a participação da jovem Jovita Alves Feitosa, natural do Ceará, de família humilde, que aos dezessete anos, vestida de homem e com os cabelos cortados, apresentou-se ao exército do Piauí. Ela foi engajada pelo então presidente da Província do Piauí, Franklin Américo de Meneses Dório. Contudo, seu disfarce foi descoberto, o que gerou muitas críticas, fazendo com que Jovita Feitosa ganhasse destaque nas páginas dos jornais de forma negativa, pelo fato de sua participação no confronto contrariar a expectativa da época de que o serviço militar seria exclusivo para homens.

Em jornais a população fazia-se insatisfeita com a presença da jovem. No *Jornal do Commercio*, no dia 14 de setembro de 1865, saiu a seguinte nota de um leitor insatisfeito:

A heroína brasileira. A ofensa mais grave à dignidade dos homens que se prezam e à daqueles que militam é sem dúvida a presença da jovem Jovita Alves Feitosa nas fileiras do 2º batalhão de voluntários do Piauí. Custa crer, porém esse fato infelizmente deu-se, e na atualidade houve um presidente de Província que aceitou semelhante oferecimento dessa senhora; e ainda mais, para galardoá-la mandou dar-lhe o posto de sargento. Desejávamos que o presidente do Piauí nos dissesse em que se firmou para fazer semelhante aceitação e conferir-lhe o posto que mencionamos.<sup>109</sup>

Através do exposto, pode-se perceber o incômodo do leitor devido ao engajamento de Jovita na guerra e o fato de ter recebido o posto de sargento cargo que muitos homens não tinham o direito de ocupar, ainda no relato acima percebe-se que os críticos da época procuravam justificar a presença feminina como forma de apagar o protagonismo da jovem no

<sup>108</sup> CHAVES, Monsenhor apud, ARAÚJO. A Guerra do Paraguai na Historiografia Nacional e Regional: Um Paradigma de Pesquisa Histórica no Piauí. Revista FSA, Teresina, v. 10, n 2, art. 11, pp. 178-194, Abr./ Jun. 2013, p. 191.

<sup>109</sup> A heroína brasileira do *Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1865, *Jornal* 65, p. 2.

embate, tendo em vista que em outros confrontos era permitido que as mulheres acompanhassem seus companheiros.

No Rio de Janeiro, com a sua recusa por parte do Exército, lentamente desaparecia o interesse da mídia por ela. Ainda houve quem escrevesse aos jornais convocando o público a comparecer a um espetáculo, que seria encenado pela empresa artística administradora do teatro Ginásio, em benefício de Jovita. Enquanto isso, em Teresina, a imprensa, precisamente ligada ao partido Conservador, tratou de desmistificar o mito criado por Dória, ao consentir o engajamento de Jovita como voluntária.<sup>110</sup>

Por fim, a obra *Apontamentos Biográficos e Outros*<sup>111</sup> (1981) é formada por um conjunto de biografias publicadas pelo jornal o Dia os Apontamentos foram escritos por “sugestão do [...] mestre e amigo Professor Odilon Nunes”, que lhe transferiu parte de suas pesquisas para a construção do referido trabalho<sup>112</sup>. A obra foi reeditada pela fundação cultural Monsenhor Chaves.

No contexto da obra, o autor enfatiza a participação de grandes piauiense e sobretudo de grandes homens ilustres que contribuíram para a história e o enriquecimento cultural do estado ele diz que:

São ligeiras biografias de piauienses ilustres ou de filhos de outras terras, que trabalharam conosco para o engrandecimento da coletividade piauiense, bem assim algumas considerações sobre temas históricos. Meu desejo é que os seus nomes e seus feitos sejam lembrados e conhecidos pelos seus contemporâneos.<sup>113</sup>

Ao todo, são 49 biografias, Joaquim Chaves ainda ressalta na obra os jesuítas no Piauí roceiros e vaqueiros, ele buscou analisar as diversas conjuntura desses sujeitos no contexto em que estavam inseridos e seus papéis intelectuais dentro da historiografia analisando sobre um viés político, social e econômico. O autor utiliza fontes hemerográficas ao longo de sua escrita dialoga com ofícios, correspondências e documentos para o desenvolvimento da obra.

No decorrer das obras analisadas neste capítulo, nota-se que o autor aproxima de uma corrente historiográfica presente na história social em suas pesquisas evidencia-se a inquietação do historiador em narrar os fatos das classes mais inferiores a escrita do autor produzidas em um espaço de tempo não considerado prolongado de uma produção para outra independente da

<sup>110</sup> Joaquim Chaves. *O Piauí na Guerra do Paraguai. Cadernos Históricos*, nº 4 (Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1971), 52.

<sup>111</sup> CHAVES, Joaquim. (Pe). *Apontamentos biográficos e outros*. v. 1. Teresina: COMEPI, 1981; CHAVES, Joaquim. (Mons.). *Apontamentos biográficos e outros*. v. 2. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1983.

<sup>112</sup> SILVA, Kamila Vytória Santos e. In. Queiroz Teresinha. *AS MÚLTIPLAS EXPRESSÕES DE UMA TRAJETÓRIA: A participação de Joaquim Raimundo Ferreira Chaves na trama intelectual piauiense da segunda metade do século XX*. Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 139 – 159, agos. a dez. 2024.

<sup>113</sup> CHAVES, Monsenhor. *Apontamentos Biográficos e outros*. Academia Piauiense de Letras, 1983, p. 9.

temática Joaquim Chaves buscava inserir em sua escrita o pobre, o indígena, o negro e a mulher sujeitos sem vozes e considerados sem importância para a história. José d' Assunção afirma que:

A História Social, enfim, surgia no cenário historiográfico como campo relevante e definitivo a se estabelecer no âmbito das modalidades historiográficas que devem ser definidas pelas dimensões que são trazidas à tona quando o historiador se põe a examinar um processo histórico qualquer.<sup>114</sup>

A citação evidencia que a História Social é uma das perspectivas de fazer história ao lado de outras correntes historiográficas como a história política, cultural e econômica. Além disso a história social se estabeleceu como uma abordagem importante dentro da historiografia contribuindo para um entendimento mais aprofundado sob diferentes conjunturas históricas e dimensões sociais.

Com o objetivo de demonstrar a dimensão do conjunto da obra de Joaquim Ferreira Chaves, apresenta-se a seguir, um quadro contendo os títulos de suas principais publicações, acompanhados das editoras ou revistas correspondentes e dos anos de publicação. A análise desses dados permite observar com maior clareza os períodos de maior produtividade do autor.

**Quadro 1 – Obras de Joaquim Ferreira Chaves, com editoras/revistas e anos de publicação**

<b>Título</b>	<b>Editora/Revista</b>	<b>Ano de publicação</b>
<i>Teresina - Subsídios para a história do Piauí</i>	COMEPI	1952
<i>O índio no solo piauiense</i>	Centro de Estudos Piauienses	1952
<i>Campo Maior Luta pela Independência</i>	Cadernos Históricos	1971
<i>Apontamentos Biográficos e Outros</i>	Cadernos Históricos	1981
<i>Como nasceu Teresina</i>	Cadernos Históricos	1971
<i>A escravidão no Piauí</i>	Cadernos Históricos	1998
<i>O Piauí na Guerra do Paraguai</i>	Cadernos Históricos	1972
<i>Evangelização no Piauí</i>	Cadernos Históricos	1975
<i>O Piauí nas lutas da independência do Brasil</i>	Cadernos Históricos	1975

<sup>114</sup> BARROS, José d' Assunção. *A História Social: Seus significados e seus caminhos*. LPH- Revista de História da UFOP. n° 15, 2005, p. 11.

<i>Obras Completas</i>	Fundação Cultural Monsenhor Chaves 1988, 1º e 2º edição	1988
------------------------	--	------

A partir da análise do quadro analítico, percebe-se a dimensão do campo historiográfico produzido por padre/chaves no início do século XX observa-se que o ano de 1972 e 1952 foram os anos de maior produção do autor dando destaque para os estudos relacionados ao processo de independência no Piauí e se tornando um dos primeiros historiadores a tratar da temática do indígena no Piauí.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia teve como proposta principal compreender a vida sacerdotal e a prática escriturística de Joaquim Chaves na trama intelectual piauiense. Esta pesquisa concentrou-se nas práticas de escrita desenvolvidas por Chaves ao longo de sua trajetória como pesquisador do Piauí, buscando identificar os sujeitos que o autor abordava em seus textos, bem como as relações sociais que o padre e historiador mantinha, sobretudo em seu percurso sacerdotal. Isso porque o contato estreito que o sacerdote tinha com os fiéis o motivou a contribuir para as pesquisas sobre a história do Piauí, dando ênfase à população mais excluída da sociedade nas páginas de seus livros.

No final do século XIX e início do século XX, uma nova geração de historiadores começou a se constituir no cenário historiográfico local, cujo principal objetivo era retratar os feitos da população regional. Até então, a escrita histórica estava predominantemente nas mãos de homens das elites de grandes famílias, transformando o campo em um espaço de disputas entre os grandes “letrados”. Joaquim Chaves, por sua vez, fazia parte de uma família que não era considerada parte da elite. Mesmo com a vontade do pai de que seguisse carreira militar, Chaves optou por seguir a vida religiosa, um desejo que cultivava desde a infância.

O historiador conquistou destaque na historiografia local graças às suas práticas de pesquisa, especialmente por abordar temas que até então eram negligenciados pela história tradicional. Sua primeira produção significativa, publicada em 1952 em Teresina, foi Subsídios para a História do Piauí, na qual o autor explora os aspectos religiosos da Igreja Nossa Senhora do Amparo. Nesse mesmo contexto, escreveu O Índio no Solo Piauiense, que alcançou quatro edições e no qual Joaquim Chaves valoriza a importância dos povos indígenas, homenageando a bravura dessas comunidades.

Inserido na historiografia moderna, Chaves contribuiu para a escrita da história piauiense sob uma perspectiva inovadora, centrando-se em narrativas e trajetórias das classes subalternas, que antes eram invisibilizadas nas obras dos primeiros historiadores e intelectuais da região. Além disso, em vários depoimentos presentes em jornais, o padre se autodenominava apenas um “amador da história”, atribuindo à pesquisa histórica uma forma de recomeço diante das desilusões enfrentadas no bispado de Dom Severino e Dom Avelar.

Joaquim Chaves acreditava que a história do Piauí não havia sido escrita da forma adequada, ressaltando que muitas passagens importantes ainda não tinham sido trabalhadas. Ele destacava, também, a importância de intelectuais como Clodoaldo Freitas e Abdias Neves como grandes contribuintes para a historiografia local. A princípio, Chaves não possuía muita experiência no campo da pesquisa. Em alguns relatos, especialmente no terceiro capítulo desta monografia, ele menciona a necessidade de se aproximar de um grupo de intelectuais para aprimorar seus conhecimentos, evidenciando o incentivo recebido de Odilon Nunes, que o auxiliava em muitos de seus estudos.

No decorrer de sua trajetória no campo da pesquisa histórica, Joaquim Chaves recebeu influências significativas e integrou espaços ocupados por grandes intelectuais, como a Academia Piauiense de Letras (APL) e o Instituto Histórico e Geográfico do Piauí (IHGP). Em sua homenagem, foi criada a Fundação Cultural Monsenhor Joaquim Chaves, que atua como promotora da produção e do conhecimento histórico na região. O historiador conquistou notoriedade no contexto em que estava inserido, e suas obras continuam sendo revisadas e valorizadas por pesquisadores contemporâneos.

Joaquim Chaves produziu um conjunto de obras historiográficas para uma sociedade em que, até então, a narrativa histórica se restringia aos grandes feitos e personagens considerados importantes. Em seus livros, ele deixa explícita a relevância do povo marginalizado e ressalta a necessidade de que leitores e pesquisadores voltem seu olhar para a história daqueles personagens ignorados e silenciados pela historiografia tradicional.



## REFERÊNCIAS

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1981.

ARAÚJO, Johny Santana. *Guerra do Paraguai na Historiografia nacional e regional: Um paradigma de pesquisa histórica no Piauí*. 2013, p. 191.

ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. *Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971)* Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Piauí, Centro Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Teresina, 2008.

AZZI, R. *A crise da cristandade e o projeto liberal*. São Paulo: Paulinas. 1992, p. 30.

BARROS, José d' Assunção. *A História Social: Seus significados e seus caminhos*. LPH-Revista de História da UFOP. n° 15, 2005, p. 11.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. *História da independência no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1971.

BURKER, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989 : a revolução francesa da historiografia*. 3 ed. São Paulo: Unesp, 1991.

CAINE, Barbara. *Biography and history*. London: Palgrave Macmillan. 2010, p. 01.

CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. *História e Repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regimento militar em Teresina*. Teresina: UFPI, 2006. apud. Ricardo, Elisangela, p. 46.

CATÓLICOS de Teresina. *O Dominical*. Teresina, 29 abr. 1956, ano XX, n. 18/56, p.1.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHAVES, Joaquim (Mons.). *Campo Maior luta pela independência: a batalha do Jenipapo*. Teresina: [s.n.], 1971.

CHAVES, Joaquim (Mons.). *Depoimento concedido à Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina, 1998.

CHAVES, Joaquim (Mons.). Dom Avelar Brandão Vilela. *Revista Caravana*. Especial. Primeiro Encontro Eucarístico de Teresina. Rio de Janeiro. Ano XIV, jan. 1961.

CHAVES, Joaquim (Mons.). *Entrevista. Monsenhor Chaves. Presença*. Teresina, ano 21, n.35, 1º semestre de 2006.

CHAVES, Joaquim. (Mons.). *Apontamentos biográficos e outros*. v. 2. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1983.

- CHAVES, Joaquim. (Mons.). *O Piauí na guerra do Paraguai. Cadernos Históricos*. Teresina, Academia Piauiense de Letras. n° 4. 1971, p. 10.
- CHAVES, Joaquim. (Mons.). *O Piauí nas lutas da Independência do Brasil*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005.
- CHAVES, Joaquim. (Mons.). *O índio no solo piauiense*. In: CHAVES, Joaquim. (Mons.). *Obra completa*. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- CHAVES, Joaquim. (Mons.). *Obra Completa*. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- CHAVES, Joaquim. (Mons.). *A escravidão no Piauí*. Cadernos Históricos, p.191.
- CHAVES, Myriam. *Depoimento concedido a Kamila Vytória Santos e Silva*. Teresina, 2024.
- CHAVES, Monsenhor. *Apontamentos Biográficos e outros*. Academia Piauiense de Letras, 1983, p. 9.
- CUNHA, Higino. *Anísio de Abreu: sua obra, sua vida e sua morte*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1920.
- CUNHA, Higino. *O teatro em Teresina*. Teresina: Tipografia do Correio do Piauí, 1932.
- DANTAS, Deoclécio. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002. Apud. Silva, Kamyla, 2024.p, 79.
- DOMINGOS NETO, Manuel. *Indicações bibliográficas sobre o Estado do Piauí: selecionadas e comentadas*. Teresina: Fundação CEPRO, 1978. p. 5.
- FREITAS, Clodoaldo. *A República e a Igreja*. In: FREITAS, 1996, op. Cit., p. 181.
- FREITAS, Clodoaldo. *Em rodas dos fatos*. 3. ed. Teresina; Brasília: Academia Piauiense de Letras; Senado Federal, 2011. p. 91.
- GASPAR, Lúcia. Faculdade de Direito do Recife: *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 2009, p. 01.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Prefácio: *a biografia como escrita da História*. In. SOUZA, Adriana Barreto de. Duque de Caxias: *O homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 21.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, apud Oliveira, Maxwell Ferreira de. Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão. Universidade Federal de Goiás. 2011, p. 24.
- LE GOFF, Jacques. *Patrimônio e identidade na fronteira da história com a memória*. São Paulo- UNESP, 1979. p. 435.

LIMA, Solimar Oliveira. *A escravidão e seu legado historiográfico no Piauí. Revista História & Luta de Classes*. 2017, p. 124.

LAKATOS, E. M.; MARCONI. *Fundamentos metodologia científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001, p. 183.

MAINWARING, S. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 43.

MELO, S. V. *Carta Pastoral: a vontade de Deus*. Teresina, 19 mar. 1924.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia Piauiense: relações entre a escrita histórica e as instituições político-culturais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2015.

MOURA, Iara. *A Produção Escriturística do Centenário de Teresina (PI)*. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis: 2015. p. 7.

MOURA, Iara. *O papel dos intelectuais piauienses na divulgação da escrita da História do Piauí*. XII Encontro Nacional de História Oral. Teresina. 2014, p. 2.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e Memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alinea Publicações Editora, 2004, p. 66-67.

NASCIMENTO. Francisco de Assis de Sousa. *Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 11, n. 1, jan.-jul., 2018, p. 35.*

NEVES, Abdias. *Um Manicaca. Teresina: Projeto Petrônio Portela*, 1985, p. 36

NORA, Pierre. *Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux*. In: GERON, Charles-Robert. (org). *Le Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. V.2. La Nation.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 14, dez. 1993.

PROST, Antoine. *Social e cultural indissociavelmente*. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 123-137.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Historiografia piauiense*. In. QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Do singular ao plural*. 2 ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Obra Completa de Monsenhor Chaves*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2005.

QUEIROZ, Teresinha. A história da Independência no Piauí: Das escritas instituintes aos revisionismos, das versões modernas às celebrações. *Humana Res*, v. 1, n. 5, 2022, . ISSN: 2675-3901 p. 74, jan. ago. 2022

QUEIROZ, Teresinha. *De amor e de livros*. Prefácio. In: CHAVES, Joaquim. (Mons.). *Obra completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, p. 11-19.

QUEIROZ, Teresinha; DIAS, Rodrigo Thadeu Paiva. Clodoaldo Freitas biógrafo: Cultura e política em Vultos Piauienses (1903). *Humanas Res*, v. 6, n. 9, 2024, p. 94-109, jan. a jul. 2024.

QUEIROZ, Teresinha. *Sobre Política, Ciência e Arte*: Higino Cunha e as Controvérsias de seu tempo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPHU. São Paulo, julho 2001, p. 3.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Iara Guerra de Miranda Moura e Sônia Maria dos Santos de Carvalho*. Teresina, set. 2008, p. 69.

SILVA, Rodrigo Caetano. *A historiografia piauiense acerca da escravidão no Brasil (Séculos XVIII-XIX)*. *Rev. Hist. UEG - Anápolis*, v.4, n.1, p. 172-197, jan./jun. 2015. Universidade Federal do Piauí, p. 172.

SANTOS NETO, Antônio Fonseca dos. *Dom Severino*. Teresina: Editora e Livraria Nova Aliança. 2021, p. 23.

SILVA, Kamila Vitória Santos e. *Um simples amador da história do Piauí*: Entre os passos e as páginas de Joaquim Raimundo Ferreira Chaves. Monografia (Graduação). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2024.

SIRINELLI, Jean- François. *Le hasard ou la nécessité? Une histoire em chantier. I' historie des intellectuels*, Vingtième Siècle, Revue d' Histoire, v.9, n 9, p. 99, 1986. Discussão retomada em; Sirinelli, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: Rémond, 2023, p. 242-243.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e identidade*: as narrativas da piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010, p. 265.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história oral. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.